

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NATASCHA DE ANDRADE EGGERS

EGITO ANTIGO E O IMPERIALISMO BRITÂNICO NO SÉCULO XIX: AS
DESCOBERTAS DO ANTIQUARISTA GIOVANNI BELZONI.

CURITIBA

2013

NATASCHA DE ANDRADE EGGERS

EGITO ANTIGO E O IMPERIALISMO BRITÂNICO NO SÉCULO XIX: AS
DESCOBERTAS DO ANTIQUARISTA GIOVANNI BELZONI.

Monografia apresentada à disciplina
de Estágio Supervisionado em Pesquisa
Histórica como requisito parcial à conclusão
do Curso de História – Bacharelado e
Licenciatura, Setor de Ciência Humanas,
Letras e Artes da Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Senna Garraffoni

CURITIBA

2013

Aos meus pais, por serem minhas grandes inspirações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à professora Renata Senna Garraffoni por ter aceitado me orientar nesta pesquisa. Muito obrigada pela oportunidade de trabalhar com você e, principalmente, pela paciência, dedicação e apoio durante estes anos de vida acadêmica.

Ao professor Moacir Elias Santos pelas dicas de bibliografia e por disponibilizar parte de seu tempo para procurar livros que pudessem ser úteis a esta pesquisa. Esta ajuda foi essencial para que eu conseguisse concluir a monografia, muito obrigada.

Ao PET-História e todos os colegas com quem tive oportunidade de conviver e trabalhar junto. Muito obrigada!

A todas as amigas que fiz durante a vida acadêmica que, com certeza, tornaram meus dias mais alegres. Em especial, agradeço minha grande amiga Rayanna Farias por todos os momentos que passamos juntas na faculdade, pelas risadas, saídas, trapalhadas e conversas. Minha passagem pela universidade não teria sido a mesma sem você que, mesmo quando estava distante, sempre esteve me apoiando para dizer que “no fim tudo vai dar certo”. Agradeço, também, a Camila Longo pela companhia, conversas, cafés, e principalmente por ter me ajudado no momento em que mais precisei.

A minha amiga Juliana Rosado, por ter se disponibilizado a fazer toda a revisão da monografia e, também, por ter tornado muitos dos meus dias mais alegres com sua companhia.

Ao meu grande amigo Eiji Edson Condo por ter disponibilizado parte do seu tempo para procurar todos os livros que estavam faltando para minha pesquisa. Mas, principalmente, gostaria de te agradecer por ter sido, desde sempre, um grande incentivador nos meus estudos. Muito obrigada por todo o seu apoio desde muito antes do meu ingresso na universidade.

Ao amado Ivan Demeterko por todas as alegrias e momentos compartilhados. Muito obrigada pelos cuidados, companheirismo e amizade durante todos esses anos.

Por fim, agradeço a toda a minha família, principalmente minha irmã, primas, avós e tias por todo o apoio e estímulo. Em especial gostaria de agradecer a minha mãe

que, com toda sua dedicação e cuidado, me proporcionou essa grande conquista. Obrigada por não me permitir desistir em todos os momentos de tristeza e desânimo. Como sempre, sua ajuda é essencial na minha vida. Agradeço, também, ao meu pai por todo o apoio, pelas conversas sempre produtivas e pelas idéias. Muito obrigada por ter me incentivado a conhecer uma ciência tão maravilhosa.

RESUMO

Na Europa durante o século XIX, a busca por uma memória coletiva ou uma história nacional marcou as principais aspirações dos Estados recém-criados, os quais buscavam estabelecer uma identidade que os permitissem se diferenciar daqueles que não eram europeus ou ocidentais. Nesse contexto, a constituição de espaços como os museus nacionais foram essenciais, pois suas coleções de artefatos e peças antigas dariam base para legitimar a história de seus Estados, se valendo da cultura de civilizações antigas, para criarem sua própria história. Considerando esse contexto, o objetivo da presente pesquisa é compreender a relação entre o Império Britânico e o Antigo Egito, buscando demonstrar como os europeus, em especial os imperialistas britânicos, se utilizaram da imagem da civilização egípcia para a construção de uma identidade e memória nacional e quais seus interesses ao fazê-lo. Para isso, os viajantes antiquaristas tiveram papel relevante, pois ao realizarem suas viagens deixavam registradas todas as suas impressões a respeito das culturas dos locais por onde passavam e também da cultura material que encontravam. Como fonte, analiso o diário de viagem do antiquarista Giovanni Belzoni a fim de compreender como seu discurso pode ter contribuído para tal afirmação européia, uma vez que este constituiu grande coleção de peças egípcias do Museu Britânico.

Palavras-chave: Giovanni Belzoni; Egito antigo; Antiquarismo no Oriente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E EGIPTOLOGIA: O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS CIÊNCIAS E SUA RELAÇÃO COM O NACIONALISMO EUROPEU NO SÉCULO XIX	12
1.1 HISTÓRIA, PASSADO E PRESENTE: O DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DE UMA CIÊNCIA.....	12
1.2 OS USOS DO PASSADO.....	19
1.3 NACIONALISMO E ARQUEOLOGIA.....	25
1.4 O EGITO ANTIGO NA MODERNIDADE.....	29
2. GIOVANNI BATTISTA BELZONI E O ANTIQUARISMO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX	35
2.1 VIAJANTES NO EGITO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XIX.....	35
2.2 GIOVANNI BATTISTA BELZONI (1778 - 1824): DE <i>STRONGMAN</i> CIRCENSE A ANTIQUARISTA.....	41
2.3 “ <i>NARRATIVE OF THE OPERATIONS</i> ”: O OLHAR DE BELZONI SOBRE O EGITO E SUA CULTURA MATERIAL.....	45
3. REFLEXÕES SOBRE O ANTIGO E MODERNO EGITO: AS VIAGENS DE GIOVANNI BELZONI CONTADAS À EUROPA	51
3.1 GIOVANNI BELZONI E A REPRESENTAÇÃO DO <i>OUTRO</i> : UM OLHAR SOBRE OS ORIENTAIS.....	52

3.2 PERCEPÇÕES ACERCA DA CULTURA MATERIAL DO ANTIGO EGITO....	61
3.3 O EGITO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRITÂNICA...	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

A presente monografia é resultado de dois anos de pesquisa individual realizada pela aluna como voluntária e depois como bolsista no grupo PET – História da Universidade Federal do Paraná. Sob orientação da Professora Doutora Renata Senna Garraffoni, esta pesquisa foi elaborada com a intenção de compreender a relação entre passado e presente por meio do estudo do Imperialismo britânico durante o século XIX e sua forma de abordar o Antigo Egito.

Durante o século XIX na Europa, muitos Estados nacionais recém-criados buscaram construir uma memória coletiva que lhes possibilitassem ter uma identidade nacional, que os diferenciasses daqueles que não eram europeus ou ocidentais. Nesse contexto, disciplinas como a Arqueologia e a Egiptologia, que estavam começando a se firmar cientificamente, passaram a ser utilizadas como aparato de base para legitimar as “origens” das nações. São essas disciplinas, juntamente com a História, que permitiram o conhecimento sobre as diferentes sociedades do espaço não-europeu, apresentando suas interpretações a respeito destes espaços. Nesse sentido, tais disciplinas não teriam surgido como discursos refletores da realidade, mas atravessadas de interesses políticos, econômicos e ideológicos, influenciados pelas rivalidades entre as Nações europeias que buscavam se afirmar como Estados nacionais. Além disso, a constituição de espaços como os museus nacionais foram essenciais para este processo, pois continham em suas exposições artefatos que possibilitavam que essas nações construíssem uma herança cultural.

A rivalidade entre algumas nações europeias as levou a uma corrida imperialista e, também, ao interesse de buscar antiguidades em territórios desconhecidos, principalmente no Oriente, com a finalidade de aumentarem suas coleções nos museus, que serviriam como apoio para a elaboração uma identidade nacional. O fascínio de outras sociedades pelo Egito, existente desde a antiguidade, não passou despercebido e muitas peças antigas foram retiradas do local para serem levadas a diversos museus

européus¹, dentre eles o Museu Britânico e o Museu do Louvre. Nesse contexto, os viajantes antiquaristas tiveram papel relevante em tal processo de construção de uma memória nacional, no sentido de que transitavam entre diversos espaços, sendo mediadores entre estes lugares e deixando suas impressões e discursos registrados a respeito das culturas e dos artefatos que encontravam. Havia, entre estes viajantes, uma preocupação em descrever tudo que estava ao alcance de seus olhos e, por isso, muitos deles tinham a prática de escrever diários de viagens nos quais ficariam registrados detalhes das expedições e dos locais por onde passavam.

Sendo assim, a intenção desse trabalho é discutir, por meio da perspectiva de usos do passado, algumas interpretações que foram feitas na modernidade a respeito do Mundo Antigo, principalmente no que concerne à questão de como antiquaristas, administradores e políticos europeus usaram ativamente o Egito Antigo para ajudar a identificar e a definir suas próprias aspirações nacionais. Nesta pesquisa, o discurso a ser analisado será do italiano Giovanni Belzoni que viajou pelo Egito entre os anos de 1816 e 1819 e deixou registrado em seu diário de viagem² todas as expedições que participou e, também, seu trabalho como antiquarista, reunindo no Egito diversas peças que atualmente formam grande parte das coleções de artefatos egípcios que se encontram no Museu Britânico, na Inglaterra.

Para esta análise, busco embasamento teórico na perspectiva de “Usos do Passado”, que surgiu no final do século XX a partir da preocupação em se repensar os significados da Antiguidade em tempos modernos e contemporâneos, a fim de compreender porque muitas nações direcionaram e direcionam seu olhar para a História Antiga com diferentes intencionalidades, buscando, muitas vezes, estabelecer ideias de herança cultural e continuidade histórica com o passado antigo. Em relação à História, essa abordagem considera que é uma representação do passado influenciada pela subjetividade de quem a escreve sendo, portanto, mais uma interpretação do que um reflexo do que “realmente aconteceu”³, pois cada época é influenciada pelos valores de

¹ JUNQUEIRA, N. M. *Uma viagem ao antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustave Flaubert*. História. Questões e Debates, v. 48/49, 2008, p. 01-20.

² BELZONI, Giovanni. *Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia*. British Museum press. London, John Murray, 1820.

³ FUNARI, P. P. A.; RAGO, M. *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

seu momento presente e, a partir disso, resgata no passado os aspectos que melhor atendem suas necessidades. Com isso, busco compreender os usos do passado antigo como um meio possível de afirmação de poderes políticos, culturais e sociais, sem considerar os discursos analisados como reflexo da realidade da época que estudo, mas sim construções atravessadas por vieses de gênero, classe e raça.

A monografia foi desenvolvida em três capítulos. O primeiro capítulo, *“História, Arqueologia e Egiptologia: o desenvolvimento de novas ciências e sua relação com o nacionalismo europeu no século XIX”*, de caráter mais teórico, busca discutir a constituição de disciplinas que ao longo do século XIX começam a se firmar cientificamente na Europa, sendo amplamente utilizadas como aparato de legitimação das recém-criadas nações oitocentistas: a História e a Arqueologia. Ainda no primeiro capítulo, para aprofundar estas questões de dominação cultural e da legitimação de poder, busquei compreender a discussão de Edward Said⁴ a respeito dos olhares e interpretações europeias que teriam sido direcionados para e sobre o Oriente.

No segundo capítulo, intitulado *“Giovanni Battista Belzoni e o Antiquarismo no início do século XIX”*, discuto sobre o contexto de vida de Giovanni Battista Belzoni, autor do documento que uso como fonte base para a pesquisa. Por suas descobertas, Belzoni acaba adquirindo certa fama no meio antiquarista durante o século XIX, reunindo grandes coleções de artefatos egípcios. Em seguida, apresento seu diário de viagens, que contém os registros de suas descobertas e narrativas, elaboradas ao longo de sua passagem pelo Egito. No terceiro capítulo *“Reflexões sobre o antigo e moderno Egito: as viagens de Giovanni Belzoni contadas à Europa”*, por fim, analiso passagens do diário de Belzoni, focando nas duas primeiras partes de sua obra, referentes às suas expedições no Egito.

⁴ SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

1. HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E EGIPTOLOGIA: O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS CIÊNCIAS E SUA RELAÇÃO COM O NACIONALISMO EUROPEU NO SÉCULO XIX.

“O passado é uma referência de realidade sem a qual o presente é pura irreflexão.” (José Carlos Reis)

Neste capítulo busco discutir, por um viés teórico, a constituição de disciplinas que ao longo do século XIX começam a se firmar cientificamente na Europa, sendo amplamente utilizadas como aparato científico de legitimação das recém-criadas nações oitocentistas: a História, a Arqueologia e a Egiptologia. Com isso, apresento um debate acerca das relações entre presente e passado, enfatizando como a noção histórica varia de acordo com o presente de quem a escreve, buscando provocar reflexões sobre como diversos passados foram apropriados e reescritos a partir de diferentes interesses, sejam eles políticos, culturais ou sociais. A partir da perspectiva de usos do passado, que será explicada e desenvolvida ao longo deste capítulo, analiso a presença europeia no Egito durante o século XIX, uma vez que o principal objeto de investigação da monografia é o discurso do antiquarista europeu Giovanni Belzoni a respeito do antigo e moderno Egito. Por fim, para aprofundar essas questões de dominação cultural e da legitimação de poder por meio de discursos, procurei compreender a discussão de Edward Said a respeito dos olhares que teriam sido direcionados para o Oriente pelos europeus, na qual a afirmação nacional poderia ser legitimada por meio da diferença entre culturas contrastantes.

1.1 HISTÓRIA, PASSADO E PRESENTE: O DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DE UMA CIÊNCIA

Ao longo do tempo, diversos estudiosos refletiram sobre o que seria a história e sua qual função específica. Ao se analisar a história da História, ou seja, a historiografia, encontramos em cada época uma finalidade diferente ao se fazer História. Na Grécia Antiga, podemos encontrar as raízes da tradição ocidental de uma “História

que registra” no século V a. C. Segundo Pedro Paulo Funari e Glaydson José da Silva ⁵, Heródoto de Halicarnasso teria sido o primeiro homem a utilizar a palavra “História” com o sentido que posteriormente seria adotado pelos historiadores, o que fez com que fosse considerado o “pai da História”. Para Heródoto, a História seria um relato, uma estória oral ou escrita, sendo o historiador um testemunho direto dos acontecimentos e que teria como função preservar a memória das ações humanas, pois “*para os antigos a memória e a história estavam ligadas umbilicalmente*” ⁶. O grego Tucídides, de forma diferente de Heródoto, também desenvolve um tipo de historiografia, porém preocupando-se apenas com a história de sua época, sem buscar as causas últimas e profundas dos acontecimentos. Em sua História, Tucídides tem como objetivo encontrar a verdade, prezando pela precisão da descrição dos fatos estudados.

De acordo com Funari e Silva, é com base nesses estudiosos que a historiografia greco-romana se inspira e se desenvolve, fazendo da História uma forma de arte literária baseada na procura pela verdade, sendo também uma forma de se compreender o mundo e de investigar o presente. Com o surgimento do Cristianismo, mudanças profundas aparecem na forma de se pensar a História que, no raciocínio teológico, passa a ser entendida como desenvolvimento dos desígnios divinos.

Durante muitos anos a concepção de história oscilou entre estas diferentes interpretações até o nascimento da historiografia moderna, que surge como forma de reação às concepções teológicas do mundo e da História. Com a erudição crítica dos escritores da renascença, a partir do século XV e, posteriormente com o desenvolvimento do Iluminismo, durante o século XVIII, a reflexão histórica sofre mudanças teóricas e metódicas e a historiografia deixa de ser produzida na tradição da literatura, se tornando uma produção científica. Porém, foi apenas durante o século XIX que a História se consolidou como disciplina acadêmica e, permeada pelo racionalismo científico, acabou por distanciar-se dos modelos historiográficos antigos. Conforme Funari e Silva, ao buscar no passado a verdade absoluta e ao se utilizar de novos conceitos científicos, como a racionalidade, objetividade e a imparcialidade, por exemplo, a História adquire o

⁵ FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José. *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

⁶ *Ibid.*, p. 18.

status de um conhecimento positivo do passado, não sendo mais considerada literatura ou relato religioso.

Em relação ao surgimento da “história científica” Josep Fontana⁷ afirma que foi elaborada nas universidades prussianas no início do século XIX e seu desenvolvimento pode ser explicado pelo contexto político que muitas sociedades europeias da época vivenciaram, preocupadas com a formação dos estados nacionais. No início deste século, a Prússia, por exemplo, enfrentava o problema da unificação política e a intenção de consolidar uma cultura nacional a partir da unidade linguística, o que resultaria na criação de identidades nacionais. Com isso, surge uma reforma educacional nas universidades, com o intuito de criar uma cultura comum e preparar a população para reverenciar o Estado. Os pesquisadores buscavam no passado formas de legitimar o novo poder e a recém-criada unidade nacional e política e, para isso, recorreram às disciplinas científicas como a História e a Arqueologia, que serviam como aparatos científicos para a construção e afirmação de uma história comum da nação.

Nesse sentido, os historicistas, de acordo com Fontana, teriam sido os primeiros a criar os métodos de pesquisa histórica que se difundiram a partir do século XIX e que, posteriormente, seriam assimilados pelos historiadores de diversos outros países. A contribuição de Leopold Von Ranke se destaca neste contexto, pois é considerado fundador da moderna disciplina histórica universitária, sendo o pioneiro na busca por uma metodologia própria para a disciplina histórica. Para Ranke⁸, a História não deveria julgar o passado, mas apenas mostrar o que realmente aconteceu, devendo o historiador ser imparcial e objetivo em relação aos documentos analisados, buscando apenas compreender o passado com base na crítica erudita das fontes.

Ainda durante o século XIX, destaca-se outra corrente historiográfica, mais pragmática e empirista que as anteriores: a Escola Metódica. Ligada à tradição do historicismo, esta corrente tem seu surgimento na França, na segunda metade do século XIX, e marca uma ruptura na historiográfica francesa do período, buscando representar a história nacional de novas maneiras⁹. Nesse sentido, o saber histórico serviria como meio

⁷ FONTANA, Josep. *Historicismo e Nacionalismo*. In: A História dos Homens. Bauru. Edusc, 2004.

⁸ *Idem*.

⁹ FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José. *Teoria da História*. *Op. Cit.*, p. 34.

de explicação dos problemas políticos e, por isso, surge uma historiografia voltada para a História nacional, pois a História era considerada, pelos pesquisadores da escola metódica, resultado das ações políticas do Estado. Para os historiadores desta corrente, o rigor do método seria essencial para que se chegasse ao verdadeiro conhecimento histórico e, por isso, a Escola Metódica se posicionou de forma contrária às especulações filosóficas. Por meio do método científico, o historiador buscava estabelecer a verdade em relação ao passado por meio da objetividade, em que os documentos falariam por si mesmos, não necessitando, portanto, da subjetividade do historiador para interpretá-lo.

Contudo, no século seguinte a historiografia metódica e tradicional, em especial na França, passa a ser criticada por uma nova geração de historiadores que se posicionam contra os manuais de metodologia histórica e pressupostos historicistas, além de contestarem a preponderância da História política tradicional no cenário historiográfico. De acordo com Peter Burke ¹⁰, boa parte da produção historiográfica inovadora se originou no século XX, com a criação da revista francesa dos *Annales*, em 1929, cujo principal objetivo era o de diversificar o saber historiográfico e enriquecer a História. Neste contexto, o movimento dos *Annales* ganhou destaque na historiografia mundial ao propor um novo fazer historiográfico, sugerindo novas possibilidades e perspectivas para o estudo do passado. Este movimento teve três fases: a primeira geração (1920-1945) era ainda um grupo pequeno que tinha como principal objetivo comum a luta contra a história tradicional, dos eventos e da política, e é marcado pela presença de Marc Bloch e Lucien Febvre; a segunda geração (1945-1968) é marcada pela presença do historiador Fernand Braudel e pelo surgimento de novos métodos e conceitos historiográficos; a terceira fase se inicia por volta de 1968 e é caracterizada pela diversidade de produção historiográfica com a *História Nova* e, posteriormente, pela fragmentação do grupo.

Os *Annales* exerceram forte influência na difusão de conceitos, abordagens e métodos para outros países. Suas inovações metodológicas propunham a substituição da narrativa tradicional da História por uma “história-problema”, tendo o historiador a

¹⁰ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

função de instituir uma problemática para a análise historiográfica. Além disso, esse movimento pretendia uma busca pela interdisciplinaridade no fazer histórico e, também, uma “revolução documental” ao aceitarem que outros documentos, que não somente escritos e oficiais compusessem as fontes de análise do pesquisador, admitindo para a pesquisa histórica qualquer vestígio do passado como fonte.

Não se pode pensar o desenvolvimento historiográfico do século XX sem citar as reflexões do filósofo Michel Foucault que, a partir da década de 1960, acabaram por subverter “*irremedialmente o universo mental e conceitual dos historiadores*”¹¹. As preposições de Foucault são inovadoras em diversos aspectos, principalmente no sentido em que debatem sobre o caráter discursivo da História e, também, por questionarem a idéia de que a fonte, o documento histórico, seja um reflexo do que teria ocorrido no passado, ou um “*acesso direto aos acontecimentos e aos personagens escolhidos*”¹² para a pesquisa histórica. De acordo com a historiadora Margareth Rago, Foucault mostra que

o documento não é o reflexo do acontecimento, mas que ele é mesmo outro acontecimento, isto é, uma materialidade construída por camadas sedimentadas de interpretações: o documento é, assim, pensado arqueologicamente como ‘monumento’¹³.

Além disso, para Foucault a História não é nada menos que uma prática discursiva e, com isso, reconhece a elaboração de sujeitos e identidades como resultado de forças culturais conflitantes que operam em meio a jogos de relações de poder. Por isso, para o filósofo o passado seria apreendido e elaborado pelo historiador por meio de discursos, que estariam sob influência de seu presente, de sua subjetividade, ideologias e escolhas.

Conforme Pedro Paulo Funari e Glaydison da Silva¹⁴, as novas vertentes historiográficas que surgem durante o século XX colocam em questão as concepções normativas de História estavam sendo elaboradas desde o século XVIII. Atualmente, boa

¹¹ RAGO, L. M. A “nova” historiografia brasileira. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, p. 73-97, 1999.

¹² RAGO, M. A *história repensada com ousadia*. In: JENKINS, K. Repensando a História. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 11.

¹³ *Idem*.

¹⁴ FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José. *Teoria da História*. Op Cit., p 87.

parte da produção historiográfica se encontra influenciada pelas mudanças provocadas pelo pós-modernismo, principalmente no que concernem as relações do historiador com o passado. Com isso, modelos normativos acabam perdendo espaço para epistemologias mais abertas que abordam a produção historiográfica e seus indivíduos como construções discursivas e que atribuem à linguagem lugar especial na análise da escrita dos fatos históricos.

Nas vertentes pós-modernas há um grande interesse na pluralidade dos modos de agir e pensar dos humanos, e a partir disso surgem novas problemáticas, que acabam por incluir novos grupos no discurso histórico. Nesse sentido, mulheres, negros, pobres, loucos, etc. passam a aparecer nas pesquisas históricas, abrindo espaço para se pensar em novas possibilidades de conhecimento das sociedades e direcionar novos olhares para a História, o que marca o rompimento com a produção tradicional e normativa do saber positivo. De acordo com Funari e Silva, com o pós-modernismo

se dá a constituição de uma historia mais democrática, incluyente, revisionista, mesmo, dos moldes classificadores e domadores do século XIX, instituídos por sujeitos históricos universais europeus, burgueses, colonialistas, brancos, machos, e cristãos, que mais não fizeram do que reificar suas experiências ¹⁵.

Toda a teoria da história foi particularmente afetada por essas mudanças durante o século XX. Conforme Keith Jenkins ¹⁶, ao dissertar a respeito do que seria a História, com base nas mudanças provocadas pelo pós-modernismo, afirma que a História constitui uma série de discursos a respeito do mundo, sendo o objeto do historiador, o passado, apenas uma pequena parte deste mundo. Para Jenkins, ao se apropriarem do passado e lhe atribuírem significado, os historiadores criam sua própria forma de interpretá-lo e de falar a seu respeito. Por isso, Jenkins considera que a História estaria “*fadada a ser um constructo pessoal, uma manifestação da perspectiva do historiador como ‘narrador’*”¹⁷, pois para existir, ela depende da visão e interpretação de outra pessoa. A História seria, então, um discurso em constante mudança construído pelos historiadores, sendo, também, relativa e interpretativa, pois dela não se poderia

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ JENKINS, Keith. *A História repensada*. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001.

¹⁷ *Ibid.*, p. 32.

deduzir apenas uma interpretação, já que um mesmo objeto de investigação pode ser interpretado diferentemente ao se mudar a perspectiva de análise.

Segundo José Carlos Reis¹⁸, a História é sempre reescrita porque o conhecimento histórico está sempre em constante mudança, e a cada período novo aparecem novas fontes, novas técnicas de análise ou novas teorias. Com isso, novos historiadores aparecem, com novos contextos de vida, que reinterpretem a História segundo as necessidades de seu presente e forma particular de se relacionar com o passado e o futuro, elaborando novas questões à História ou até mesmo reformulando as clássicas. Sendo assim, cada presente escolhe o passado que lhe interessa representar e analisar com a finalidade de se localizar no tempo e se projetar no futuro. À medida que o presente vai mudando, passado e futuro passam a ser rearticulados, obrigando à reescrita da História. Para Reis, a verdade histórica é, acima de tudo, histórica, pois cada presente acarreta um olhar e um contexto diferente para seu pensamento e, por isso, a importância de conhecer quem o escreveu.

A partir dessas questões, percebemos que cada época é influenciada pelos valores de seu momento presente e, a partir disso, resgata no passado os aspectos que melhor atendem suas necessidades. De acordo com Pedro Paulo Funari e Margareth Rago¹⁹, a História é uma representação do passado influenciada pela subjetividade de quem a escreve sendo, portanto, mais uma interpretação do que um reflexo do que “realmente aconteceu”. Com base nessas ideias, oriundas da renovação historiográfica trazida pela pós-modernidade surgem diversas correntes que buscam analisar a relação entre passado e presente a partir das representações criadas pelo historiador em relação à época que estuda. Nesta pesquisa, busco embasamento teórico na perspectiva de “usos do passado”, que surgiu no final do século XX a partir da preocupação em se repensar os significados da Antiguidade em tempos modernos e contemporâneos, a fim de compreender porque muitas nações direcionaram e direcionam seu olhar para a História Antiga com diferentes discursos e intencionalidades, buscando, muitas vezes, estabelecer

¹⁸ REIS, J. J. “Introdução”. *Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

¹⁹ FUNARI, P. P. A.; RAGO, M. *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

ideias de herança cultural e continuidade histórica com o passado antigo. Tal perspectiva será explicada e abordada com mais profundidade no próximo item.

1.2 OS USOS DO PASSADO

Nos últimos 30 anos, o campo de pesquisa da História Antiga tem sofrido diversas alterações teórico-metodológicas, produzindo uma nova série de interpretações, percepções e trabalhos diferenciados do que se fazia anteriormente, com a intenção de propor uma visão mais crítica em relação às sociedades antigas e as associações que se fazem em relação a elas, ou seja, seus usos do passado. Nesse contexto, destacam-se as reflexões de Martin Bernal²⁰ a respeito de como o Mundo Antigo teria desempenhado um papel importante na definição da política moderna, questionando a recorrente ideia de que a História Antiga seria uma disciplina acadêmica isolada, considerada afastada frente às questões políticas da modernidade. Em seus trabalhos, Bernal busca compreender como a Antiguidade teria se tornado um referencial para muitas nações, ajudando a construir novas identidades, discursos e interesses nacionalistas. Com isso, Bernal instigou os pesquisadores desta área – historiadores e também arqueólogos - a repensarem os pressupostos teórico-metodológicos de sua disciplina, o que resultou numa nova série de trabalhos, interpretações e reflexões sobre essas questões. Essa nova vertente de estudos, atualmente, vem ganhando força no campo de pesquisa da História Antiga, buscando uma leitura menos normativa e conservadora do passado, prezando por uma História mais problematizada.

Em suas pesquisas, Martin Bernal aponta diversos discursos produzidos na modernidade que tiveram como fundamento político a legitimação de poder por meio do mundo grego, destacando que muitos dos estudos referentes ao passado clássico teriam se desenvolvido em meio a padrões culturais e sociais de seus contextos imperialistas e

²⁰ BERNAL, M. “A imagem da Grécia antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia”, in: *Repensando o mundo antigo – Martin Bernal, Luciano Canfora e Laurent Olivier* (Funari, P.P.A. – org). Textos Didáticos n° 49, IFCH/UNICAMP, 2005. 119-128, 1994. Traduzido por Fábio Adriano Hering e revisado por Pedro Paulo A. Funari.

nacionalistas e, por isso, em sua maioria enfatizam uma incontestável superioridade europeia. A partir dessas questões, Bernal reflete sobre a necessidade de rever modelos de interpretação normativos e estagnados, assim como o papel da academia na produção desses discursos imperialistas, sendo pioneiro em relacionar política moderna e História Antiga.

No trabalho, “*A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia*”, Bernal propõe uma reavaliação histórica da imagem da Grécia Antiga como “berço da civilização europeia” e questiona a ideia de neutralidade e de homogeneidade do Mundo Clássico. Na obra, o autor analisa dois modelos explicativos modernos a respeito das origens da Grécia Antiga: O *Modelo Ariano* e o *Modelo Antigo*. O Modelo Ariano sugere que a cultura grega teria se desenvolvido a partir das invasões de povos nórdicos, falantes da língua indo-européia, descartando todos os elementos não indo-europeus para a formação da cultura grega, sendo estes atribuídos aos povos pré-helênicos. Neste modelo, acreditava-se que os conquistadores faziam parte de um ramo superior da raça branca, e mesmo os nativos que sofreram as invasões, eram considerados “racialmente puros”, ideia que sustenta as bases racistas dos séculos XIX e XX, época em que foi elaborado.

Já o Modelo Antigo representa a concepção na qual a Grécia teria sido habitada por tribos primitivas e, posteriormente, colonizada por egípcios e fenícios, sofrendo influência destas civilizações. Este modelo, que influenciou a Europa até fins do século XVIII, passa a ser descartado em relação ao Ariano, não por apresentar falhas na sua postulação, mas por não ser capaz de contribuir com a visão de mundo do final do século XIX – século marcado pela expansão imperialista, cientificismo e progresso. Em contrapartida, o Modelo Ariano ajudava a comprovar a superioridade branca em relação às outras raças. Isso ocorre porque, durante o século XIX, os gregos passam a serem considerados como criadores da civilização e não mais como intermediários entre culturas orientais e ocidentais, o que acaba por excluir totalmente as influências culturais de outras civilizações sobre a Grécia, como a egípcia e a fenícia, por exemplo.

Para Bernal, o conceito proposto pelo Modelo Ariano legitimou a consciência que o Ocidente buscava de si mesmo: uma civilização superior às sociedades mais antigas e às sociedades contemporâneas mais “primitivas”. A ligação que o Ocidente

buscava com ideia de uma “origem grega” se justificava pelo fato de que a Grécia era vista como a mais brilhante das antigas civilizações. Essas postulações foram usadas, mais tarde, como justificativa do colonialismo europeu e também para o preconceito racial e cultural. Bernal questiona esse modelo afirmando que a civilização grega não foi resultado do isolamento e da pureza cultural, mas sim do frequente intercuro com os vários povos vizinhos e com as já heterogêneas populações nativas do Egeu e, portanto, deve ser vista como o resultado de diferentes culturas, tanto da Europa quanto da África e da Ásia. Martin Bernal conclui sua obra afirmando a necessidade de reabrir o debate entre os dois modelos para definir qual seria mais pertinente, porém, não afirmando ser favorável a uma completa restauração do Modelo Antigo, apesar de acreditar que um possível novo modelo a ser postulado deveria se aproximar mais deste.

Nesse sentido, cada vez mais historiadores e arqueólogos têm direcionado os seus esforços para o estudo das apropriações modernas e contemporâneas da Antiguidade. Pedro Paulo A. Funari, em trabalhos mais recentes, abre espaço para a compreensão dos usos do passado antigo como um meio de legitimação de poderes políticos, culturais e sociais por meio de diversas pesquisas. No trabalho “Guerra do Peloponeso”²¹, o autor busca descrever os principais acontecimentos, origens e consequências da Guerra do Peloponeso e como esta serviu de modelo para a análise de diversas guerras que ocorreram em outras épocas, pois

ainda que a guerra tenha terminado há 24 séculos, continuou a fascinar as gerações posteriores e serviu como instrumento analítico para entender inúmeros conflitos posteriores e, mais recentemente a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Fria.²²

Funari comenta a influência que a guerra do Peloponeso exerceu sobre outras guerras, principalmente em relação às táticas de guerra como, por exemplo, o bloqueio econômico, a estratégia de exaustão, o abandono de campo, recolhimento populacional, entre outras, as quais muitas vezes foram utilizadas em conflitos posteriores e de grande importância, como a Guerra Fria. Para Funari, “*A Guerra do Peloponeso, tão distante no*

²¹ FUNARI, Pedro Paulo A. “Guerra do Peloponeso”. In: MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 19-45.

²² *Ibid.*, p. 19.

tempo, continua presente e inspiradora também em nossa época”.²³ O autor cita algumas comparações que foram feitas a respeito da Guerra do Peloponeso com outras guerras mais atuais, como a guerra entre Estados Unidos e Iraque, na qual o assessor do ministro da Defesa americano Davis Hanson compara Estados Unidos e Atenas, como locais que estariam levando a democracia a outras civilizações, lutando para que seu sistema de governo seja instaurado nos países que invadem.

Não por acaso, o grande especialista na guerra na Grécia Antiga Victor Davis Hanson [...] tornou-se, com a administração de George W. Bush, a partir de 2001, assessor direto do ministro de Defesa Donald Rumsfeld, responsável pela estratégia de conquista do Afeganistão e Iraque.²⁴

Renata Senna Garraffoni²⁵ também trabalha com uma linha de pesquisa voltada para a questão dos usos do passado. No texto “Guerras Púnicas”, partindo de uma perspectiva semelhante à trabalhada pelo autor Pedro Paulo Funari, a autora analisa as Guerras Púnicas e suas consequências, focando nas interpretações modernas que foram feitas a respeito da guerra entre romanos e cartagineses. Para a autora, a Roma Antiga sempre obteve certo destaque nos estudos sobre guerras, pois havia um grande interesse em entender como essa sociedade havia dominado por um longo período quase todo o mundo antigo e, principalmente durante o século XIX, quando a História se consolida como ciência, surgem diversas pesquisas sobre as guerras nas quais os romanos teriam participado e sobre seu poderio militar. Conforme Garraffoni,

se pensarmos que nessa época se desenvolve a política colonialista, na qual Inglaterra e França conquistaram muitos povos no Oriente e na África, compreendemos por que o estudo dos métodos militares e de governo dos povos antigos ocupou um lugar de destaque. Havia uma idéia predominante na qual generais e políticos do século XIX poderiam aprender a manter seus domínios conhecendo a História de seus antepassados.²⁶

Ao final das Guerras Púnicas os romanos saíram vitoriosos, com um exército mais forte e que havia conquistado um extenso território, passando a influenciar diversas

²³ *Ibid.*, p. 44.

²⁴ *Ibid.*, p. 43.

²⁵ GARRAFFONI, R.S., “Guerras Púnicas”, in: *História das Guerras* (Magnoli, D., org.), Editora Contexto, S.P., 2006, p. 47-75.

²⁶ *Ibid.*, p. 47

culturas e transmitindo seu legado cultural a diferentes regiões, o que despertou o interesse de diversas sociedades ao olharem para os romanos. Houve, então, uma grande mudança no modo como as batalhas foram vistas e planejadas desde então, por exemplo, até hoje a batalha de Aníbal é revisada e usada como modelo pelos estrategistas de guerras. Napoleão Bonaparte, ao conquistar diversas regiões da Europa teria feito referências aos romanos e, também, posteriormente, Hitler e Mussolini teriam construído imagens particulares de Roma como exemplo de conquista para seus propósitos políticos durante o século XX. De acordo com Garraffoni, “*em cada momento histórico, portanto, Roma foi revisitada e suas guerras interpretadas de acordo com os interesses políticos vigentes*”.²⁷

Nessa mesma perspectiva, o historiador inglês Richard Hingley²⁸, na obra *O imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*, estuda o Império Romano com foco na teoria da Romanização, principalmente no que concerne à Bretanha Romana, analisando como populações nativas foram incorporadas ao Império, e como ocorreram mudanças culturais e sociais durante este processo. Hingley aponta em seus estudos a necessidade de refletirmos com mais profundidade sobre os motivos que levam os modernos a se interessarem pelos romanos, voltando-se para a questão de como os Estudos Clássicos ganham papel político e social em diferentes épocas nos centros acadêmicos. Hingley critica a recorrente prática de aproximação entre o mundo romano e o presente, sugerindo que seja desenvolvida uma análise mais complexa do passado desta civilização, partindo de uma identidade romana em que a elite deixe de ser o único foco de atenção. A base de sua crítica se constitui a partir da ruptura com modelos imperativos eurocêntricos, que ressaltam uma ideia de superioridade romana e buscando caminhos alternativos para pensar as relações entre culturas e, também, romper com modelos normativos de interpretação que acabam legitimando uma suposta superioridade europeia em relação a outros povos. A intenção proposta, então, é destacar a contribuição de novas abordagens sobre o mundo antigo, rompendo dicotomias e expondo a complexidade das sociedades antigas, antes reduzidas a blocos culturais.

²⁷ *Ibid.*, p. 74.

²⁸ HINGLEY, R. *O imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*, Annablume/Fapesp, 2010.

A principal crítica do autor está na questão da Romanização, teoria que sugere que boa parte dos povos nativos que habitavam a Bretanha Romana²⁹ teria sido conquistado e civilizado pelos romanos e adquirido algumas de suas tradições culturais. O autor busca romper com impressão de uma sobreposição cultural romana e focar mais nas trocas culturais que ocorreram entre romanos e nativos e como estas duas sociedades foram alteradas e passaram a produzir outro tipo de cultura, mas sem perder totalmente a sua, eliminando a ideia de dominação. Segundo Hingley, essas visões estariam relacionadas com um desejo inglês de legitimar um passado ligado aos romanos, e não com outros povos. O autor aponta os problemas gerados pelo conceito de imperialismo positivo, propondo, uma crítica a esses discursos. Para Hingley, a construção de uma postura crítica, permite traçar uma relação com o passado e com o presente deixando aberto caminho para novos diálogos e pesquisas sobre este tema e produzindo visões críticas acerca dessa história.

Os estudos citados acima são algumas das pesquisas que vêm surgindo com essa perspectiva de usos do passado, tendo como finalidade a compreensão de cada documento histórico em seu contexto de produção. Nesse sentido, é importante ressaltar que não se trata de uma ligação simplista entre o mundo antigo e o mundo moderno e contemporâneo, mas de recuperar os significados históricos do contexto em que os documentos se inserem e dos discursos que são produzidos com base neles. O que se busca é fazer uma leitura mais profícua e menos normatizada do passado, em que discursos podem ser analisados e compreendidos sem serem tomados como reflexo da realidade época que se estuda.

Não se trata de estabelecer quadros comparativos estanques entre um momento histórico e outro, mas de perguntar pelas múltiplas formas de apropriação do passado, pelos vários modos de hierarquização inclusão e exclusão que atravessam as narrativas históricas, pelas relações que cada sociedade estabelece consigo mesmo e com seu passado, esse muitas vezes visado como seu outro sombrio, mais atrasado e primitivo, ou ao contrário, como a origem supostamente tranqüila e enobrecedora.³⁰

²⁹ A Bretanha romana corresponde à atual Escócia, Inglaterra e País de Gales; um grande território que foi habitado por diferentes povos nativos antigamente.

³⁰ FUNARI, P. P. A.; RAGO, M. *Subjetividades antigas e modernas*. Op. Cit., p. 11

Assim como a História, o desenvolvimento e a constituição da Arqueologia como disciplina científica teve grande importância durante o século XIX, pois passa a desempenhar um papel ideológico e político para as sociedades, na medida em que era utilizada com a finalidade de legitimar governos, reivindicar heranças culturais e definir identidades nacionais. Nesse sentido, a ligação entre nacionalismo e Arqueologia se torna tema de essencial importância para esta pesquisa, e será desenvolvido no próximo item.

1.3 NACIONALISMO E ARQUEOLOGIA

Nos últimos anos, o desenvolvimento da Arqueologia como ciência e sua relação com os recém-criados Estados nacionais tornou-se objeto de pesquisa de diversos estudiosos que se interessaram em compreender como tal ciência teria sido utilizada para legitimar aspirações políticas. De acordo com Funari³¹ a Arqueologia teria surgido no bojo do imperialismo do século XIX, tornando-se, portanto, um subproduto da expansão das grandes potências europeias que tinham o interesse de enriquecer por meio da exploração de outros territórios.

Nessa mesma perspectiva, Olivier em *As origens da arqueologia francesa*³², analisa o desenvolvimento da Arqueologia na França, em fins do século XVIII e no decorrer do XIX, visando estabelecer a importância da disciplina para a construção desta nação, ao analisar sua utilização como um instrumento científico para a legitimação das origens de uma identidade nacional. Para o historiador, as bases sobre as quais a identidade europeia havia sido construída foram transformadas após dois acontecimentos: a descoberta do “Novo Mundo”, entre os séculos XVI e XVII, e dos povos que lá viviam; e o achado de vestígios arqueológicos pré-históricos na Europa, referentes a sociedades distintas das que eram consideradas como criadoras das civilizações europeias.

Até esta época, segundo Olivier, a identidade cultural europeia se fundamentava nas dicotomias entre “barbárie e civilização” e “selvagem e civilizado”, que poderia representada por meio das diferenças entre os ameríndios, povos sem

³¹ FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

³² OLIVIER, Laurent. As origens da arqueologia francesa, in *Repensando o Mundo Antigo*. Trad. Glaydson José da Silva. Textos didáticos n. 49, IFCH/UNICAMP, 2003.

religião, ordem social e moral; e o europeu, representante da civilização. Para Olivier, “*O ‘selvagem americano’ é, então, a figura do outro, a imagem negativa do europeu*”.³³ Neste contexto, a criação de conceitos que justificam e suportam a ideia de superioridade europeia em relação aos povos colonizados se fez pertinente. Com isso, se estabelece a preocupação europeia em como representar em uma mesma história a origem de povos “selvagens” e europeus, uma vez que se procurava construir uma história que afastasse o passado europeu dos “selvagens”, e que desse suporte para a afirmação de uma superioridade europeia.

A Arqueologia, na França, se desenvolve a partir dessa mudança de paradigma, possibilitando uma nova concepção de sociedade, a qual seria uma herança do pensamento social e político da filosofia das Luzes e da Revolução Francesa, “*com a invenção da Nação como entidade comum nas origens no pensamento social e político da filosofia das Luzes*”³⁴. Segundo Olivier, a renovação do estudo sobre o passado seria fruto de uma aspiração a um novo tipo de sociedade, possibilitando pensar sobre qual o lugar dos franceses em relação às sociedades do passado. Nesse sentido, a Arqueologia passa a desempenhar um papel ideológico e político, na medida em que pode ser utilizada para justificar a evolução da humanidade, reunindo testemunhos das origens e continuidade da nação e, por isso, o Estado francês possui um papel relevante na conduta da Arqueologia, desde seu surgimento.

Nestes últimos 20 anos, surgiram trabalhos cada vez mais críticos em relação a História da arqueologia, que tem como finalidade compreender o contexto sócio político em que se desenvolveram e desenvolvem os trabalhos arqueológicos. Refletindo sobre essas questões, Margarita Diaz-Andreu³⁵ busca compreender a relação entre a arqueologia, enquanto disciplina científica, e o nacionalismo, enquanto ideologia política, com a finalidade de explicar uma possível ligação entre o surgimento do nacionalismo e o estudo do passado.

Conforme Diaz-Andreu, durante os séculos XIV e XV, as elites renascentistas europeias começaram a se interessar pelos objetos antigos como forma de simbolizar seu

³³ *Ibid.*, p. 40

³⁴ *Ibid.*, p. 59

³⁵ DIAZ-ANDREU, M. *Nacionalismo e Arqueologia: O contexto político da nossa disciplina*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11: 3-20, 2001.

poder por meio de metáforas, se referindo aos grandes feitos e homens do passado. Nesse contexto, tornou-se cada vez mais comum que um indivíduo poderoso recorresse ao passado como forma de mostrar sua posição na sociedade. Essa moda que se iniciou na Itália foi copiada alguns anos mais tarde em outros países europeus e, por isso, as elites políticas começaram a contratar o serviço de antiquários que, com suas descobertas, proporcionavam todo o prestígio que as elites necessitavam. No final do século XVIII, com as Revoluções Americana e Francesa, a legitimidade política da monarquia - sistema que havia reinado na prática toda a totalidade do mundo ocidental desde a queda do império romano – é contestada e em seu lugar um novo conceito para dar legitimidade ao Estado é desenvolvido: o de nação.³⁶

Nesse sentido, a consolidação da Arqueologia como uma ciência profissional teve íntima ligação com o êxito do nacionalismo na Europa no final do século XVIII. Com o advento do nacionalismo, o estudo do passado ganha um papel relevante para a constituição e afirmação da Nação, o que levou diversos estados a financiarem a criação de um corpo profissional de arqueólogos, que ao longo do século XIX deixam de serem chamados de antiquários. Com isso, a arqueologia passa a ser ministrada como disciplina nas universidades e diversos museus são criados para expor os objetos antigos, que antes eram restritos a coleções particulares.

Para Diaz-Andreu, o nacionalismo cívico levou a institucionalização da arqueologia e a criação de museus nacionais, como o Museu Britânico em 1759 e Museu do Louvre em 1793, seria a primeira prova de tal relação. Os museus, e também o trabalho dos arqueólogos em outras terras, justificavam a crença de que era dever das nações civilizadas de ajudar os mais atrasados a se desenvolverem e, dessa forma, a colonização também seria justificada. Nesse sentido, as pesquisas arqueológicas serviam para resgatar no passado os elementos diferenciadores que legitimariam a cultura comum da nação.

Nesses últimos séculos as sociedades ocidentais, de acordo com Diaz-Andreu, têm buscado no passado símbolos e “idades do ouro” que fundamentem seu presente. Refletindo sobre essa questão, a autora questiona se os arqueólogos e arqueólogas são conscientes da implicação política de seu conhecer científico, pois, em sua opinião,

³⁶ *Ibid.*, p. 5 – 6.

“no es posible hacer arqueología sin hacer política, y aceptarlo y actuar éticamente en consecuencia nos pondrá en una situación [...] más ventajosa para afrontar el desafío que esto supone”³⁷

Também relacionado ao tema do nacionalismo e Arqueologia, Renata Senna Garraffoni e Raquel Stoiani, discutem os usos simbólicos do passado clássico e da nascente Arqueologia francesa na construção da imagem pública de Napoleão Bonaparte³⁸. As autoras enfatizam que durante o período napoleônico, na França, que se recuperava dos recentes impactos da Revolução Francesa, se buscou conhecer quais as origens históricas da nação, num processo de redefinição da identidade francesa.

Nesse contexto, os esforços de Napoleão em estruturar seu poder e legitimar-se como figura política não se restringiram apenas aos campos de batalhas e em seu poderio militar, mas também nas pesquisas científicas, dentre elas as arqueológicas. “*Desta forma, o investimento nos estudos sobre os povos da Antiguidade seria parte integrante de sua política*”³⁹. Com a intenção de criar uma identidade para a sociedade francesa durante seu império, Bonaparte incentivou pesquisas arqueológicas voltadas para grandes acontecimentos da Antiguidade, elaborando sua figura pública com base nas virtudes cívicas dos grandes líderes do passado, em especial o clássico.

Bonaparte criou, para os contemporâneos e para a posteridade, um repertório de imagens que converteram certas derrapagens de ação em momentos heróicos, carregados de tons dramáticos, voltados à sua exaltação, retirando-o da margem dos acontecimentos.⁴⁰

De acordo com Garraffoni e Stoiani, os povos da Antiguidade ressurgiram no período napoleônico por meio destas revisitas ao mundo antigo e, nesse sentido, “*gregos, romanos, celtas, egípcios são recolocados no cotidiano francês, seus principais símbolos revisitados, produzindo imagens muitas vezes específicas desses povos, buscando definir a identidade nacional francesa e justificar seu domínio perante outros povos*”⁴¹. O papel

³⁷ *Ibid.*, p. 15.

³⁸ GARRAFFONI, R. S.; STOIANI, R. *Escavar o passado, (re)descobrir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade clássica por Napoleão Bonaparte*. Revista de História da Arte e Arqueologia, Campinas, nº 06, Dez. 2006, p. 69-82.

³⁹ *Ibid.*, p. 70.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 76.

⁴¹ *Ibid.*, p. 77.

da Arqueologia, nesse contexto, é de mediadora dessa relação entre passado antigo e política moderna, pois ao escavar a cultura material das antigas sociedades, fornece ao Estado que a financia meios de reinterpretar o passado com base em seu contexto e aspirações. No caso do governo napoleônico, a Arqueologia teria fornecido as bases necessárias para a criação de uma França moderna, e representa, também, o uso da nascente arqueologia francesa com finalidades bem definidas, em que se buscou “*estabelecer laços com o passado para moldar as identidades do presente*”⁴².

A relação entre nacionalismo e Arqueologia aqui apresentada por meio dos trabalhos de Olivier, Funari, Diaz-Andreu e Garraffoni e Stoiani pode ser percebida também na forma como diversas nações – em especial a França e a Inglaterra - direcionaram, durante o século XIX, seu olhar para o Egito, sua cultura material e localização geográfica, elaborando imagens específicas dos povos que lá viviam e disputando sua cultura material, como será discutido no próximo item.

1.4 O EGITO ANTIGO NA MODERNIDADE

De acordo com a historiadora Natália Monseff Junqueira⁴³, o Egito Antigo exerce desde a antiguidade certo fascínio em outras sociedades e o interesse sobre sua cultura material não passou despercebido por diversas civilizações ao longo do tempo. No entanto, foi durante o período da Renascença que se iniciou uma busca incessante pelas antiguidades egípcias, levando diversos viajantes a terem o Egito como rota de suas expedições⁴⁴. Até o século XX, o interesse pelo passado egípcio antigo estimulou diversos antiquaristas e arqueólogos a se esforçarem em transportar boa parte da cultura material que encontravam nos sítios para a Europa. Nesse sentido, objetos tais como papiros, pinturas, jóias, adornos, múmias, esculturas, por exemplo, começaram a fazer parte de coleções particulares e, posteriormente, a compor coleções museológicas. Segundo Rosalie David,

⁴² *Idem*.

⁴³ JUNQUEIRA, N. M. *Uma viagem ao antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustave Flaubert*. História. Questões e Debates, v. 48/49, 2008, p. 01-20.

⁴⁴ DAVID, R. *Handbook to life in Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 1999., p. 8.

as a result of the intensified interest since the Renaissance in acquiring antiquities, foreign collectors started to conduct their own excavations in Egypt. Incredibly, they were able to obtain permission from Egypt's Turkish rulers to remove the contents from tombs and cut out wall decorations and inscriptions from tombs and temples, thereby accelerating the "treasure hunting," with excavators and agents from different countries competing to obtain the finest pieces. Meanwhile, the main aim of this exercise was to supply wealthy patrons with the objects they desired rather than to advance Egyptology.⁴⁵

Em fins do século XVIII e durante o século XIX, no entanto, o interesse pelo Egito Antigo atraiu olhares com intenções mais científicas, sendo as pesquisas amplamente incentivadas pelos imperialistas, que estabeleceram no Egito seus cônsules. Como resultado, os diversos artefatos antigos recolhidos foram expostos em museus nacionais, dentre eles o Museu Britânico e o Museu do Louvre. De acordo com David, dois acontecimentos - ambos ligados ao imperialismo - teriam sido de extrema importância para o desenvolvimento de uma ciência que estudasse o passado egípcio: a expedição militar de Napoleão Bonaparte (1769-1821) ao Egito e também a decifração dos hieróglifos por Jean-François Champollion (1790-1832), que possibilitou, com o desvendamento da antiga escrita egípcia, que o conhecimento sobre o Egito se aprofundasse cada vez mais no Ocidente.

Com isso, notamos que é nesse contexto que se desenvolve a Egiptologia durante o século XIX, estudo específico das sociedades egípcias antigas, em que diversos estudiosos procuraram representar essas sociedades por meio da cultura material e escrita encontrada pelos arqueólogos e antiquaristas. De acordo com Jean Vercoutter, durante o século XIX o Egito é redescoberto em toda a Europa e, "*de um dia para o outro, poder-se-ia dizer, sem exagero, que o Egito torna-se moda. De 1802 a 1830, uma dezena de viajantes de grande valor, franceses, alemães, ingleses, suíços, vem conferir [...] as maravilhas*"⁴⁶ egípcias.

Com o desenvolvimento da Egiptologia, a presença europeia tornou-se comum no nordeste africano, em busca de novas fontes para o estudo da Antiga civilização que ali vivera. Nesse sentido, não somente antiquaristas, mas também intelectuais viajaram ao Egito, produzindo discursos a respeito da cultura material, dos

⁴⁵ *Idem.*

⁴⁶ VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. Pg. 54.

povos, da paisagem que encontravam, e “as narrativas e os desenhos, frutos de suas peregrinações, contribuem para manter a fama crescente que o Egito então conheceu”⁴⁷.

Como exemplo da função discursiva dessas narrativas, o trabalho intitulado *Uma viagem ao Antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustave Flaubert*⁴⁸, de Natalia Monseff Junqueira, discute como a França, durante o século XIX, apoderou-se da Antiguidade egípcia para construir sua identidade nacional e sua ideia de herança cultural. Para isso, analisa o discurso produzido pelo francês Gustave Flaubert em seu diário de bordo *Voyage en Égypte*, durante a sua estada no Oriente entre 1849 e 1850. Nesse diário, Flaubert narra todas as impressões e experiências dessa viagem, descrevendo tudo que estava ao alcance de seus olhos.

Segundo Junqueira, a conservação dos monumentos arquitetônicos egípcios serviria de contraponto sempre que a França precisasse afirmar a sua identidade europeia e, por isso, teria sido de suma importância a presença de viajantes no Egito, que pudessem contar, por meio de seus escritos de viagem, a diferença do “outro”. Apesar do vislumbre inicial com as construções egípcias, Flaubert acaba, segundo a autora, reproduzindo um discurso que sugere uma superioridade do ocidental em relação aos orientais, que teria a finalidade de justificar a invasão dos franceses no Oriente como dispersores da civilização. Ao analisar os povos que viviam no Egito, Flaubert aparenta menosprezar, de certo modo, toda a cultura material produzida pelos antigos egípcios que encontra em sua viagem.

Junqueira destaca que a construção da identidade francesa, ilustrada nas passagens de Flaubert, dá-se paralelamente à representação do egípcio, o que proporciona aos franceses, ao classificar o outro, classificarem a si mesmos. Essa questão nos remete às reflexões de François Hartog a respeito da representação do “outro” na obra *O espelho de Heródoto*⁴⁹, em que o autor acredita que “dizer o ‘outro’ é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, a e b, e que a não é b”⁵⁰. Segundo Hartog, o problema do narrador está em como representar de forma persuasiva o mundo que se conta, ou seja, o “outro”, no mundo em que se conta. Para Hartog, a retórica de alteridade é nada menos

⁴⁷ *Ibid.*, p. 54.

⁴⁸ JUNQUEIRA, N. M. *Uma viagem ao antigo Egito. Op. Cit.*

⁴⁹ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 229.

que uma operação de tradução, que visa transportar o “outro” ao seu mundo, por meio da narrativa.

Para traduzir a diferença, o viajante tem a sua disposição a figura da inversão, em que a alteridade se transcreve como um antipróprio. Não há mais a e b, mas simplesmente a e o inverso de a. O projeto do discurso não é mais do que falar do próprio.⁵¹

A forma como o Oriente foi traduzido e, até mesmo, inventado para e pelo Ocidente foi analisada por Edward Said, na obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*⁵². Segundo Said, o Oriente sempre atraiu o interesse dos ocidentais, em especial dos europeus e, por isso, as maiores, mais antigas e mais ricas colônias europeias se encontram nesta parte do mundo. Além disso, o Oriente é, também, um rival cultural do Ocidente, uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do “outro”. Para o autor, o Oriente teria ajudado a definir a Europa por meio de sua imagem e culturas contrastantes.⁵³

Nesse sentido, o discurso ocidental sobre o Oriente é denominado pelo autor de *Orientalismo*, e tal discurso estaria presente no imaginário ocidental desde o século XIX. No entanto, o *Orientalismo* teria diversos significados que se entrelaçam: seria, em primeiro lugar, uma forma de discursar sobre o Oriente que teria como fundamento o lugar especial que este ocupa na experiência ocidental europeia; seria uma disciplina acadêmica; o que um estudioso do Oriente faz; um estilo de reflexão baseada numa distinção ontológica e epistemológica feita entre Oriente e Ocidente; e, por fim, uma forma ocidental de obter controle, domínio e autoridade sobre o Oriente. Em suma, “*Orientalismo [...] consiste numa rede de interesses inevitavelmente aplicados (e assim sempre envolvidos) em toda e qualquer ocasião em que essa entidade peculiar, o ‘Oriente’, é discutida*”⁵⁴.

O *Orientalismo* é postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece seus mistérios por e para o Ocidente. Ele nunca está preocupado com o Oriente exceto como causa primeira do que diz. O que ele diz e escreve, em virtude do fato de ser dito ou escrito, pretende

⁵¹ *Idem.*

⁵² SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁵³ *Ibid.*, p. 27

⁵⁴ *Ibid.*, p. 30

indicar que o *Orientalismo* está fora do Oriente, não só como fato existencial, mas também moral. O produto principal desta exterioridade é certamente a representação: [...] o Oriente é transformado, passando de uma alteridade muito distante e frequentemente ameaçadora para figuras que são relativamente familiares.⁵⁵

Conforme Edward Said, falar de *Orientalismo* é falar de um empreendimento cultural essencialmente britânico e francês, pois desde o século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial essas nações teriam dominado o Oriente, sendo as pioneiras em colonizar essa região. Nesse sentido, para Said, o *Orientalismo* é marcadamente um fato cultural e político, em que o Leste seria incorporado e generalizado por meio de um discurso ocidental. A cultura europeia ganhou força e identidade ao se contrastar com o Oriente e, a partir de suas reflexões sobre este local, o inventou, como uma forma de delimitar suas próprias características, sendo o Oriente um reflexo invertido ou uma oposição do Ocidente. Com isso, consolidam-se a hegemonia de idéias europeias sobre o Oriente, e que, conseqüentemente, afirmam a superioridade europeia sobre o atraso oriental.

Contudo, tal relação está longe de ser simplista, pois não se pode afirmar que o Oriente foi uma criação sem realidade correspondente.⁵⁶ De acordo com Said, seria incorreto acreditar que o Oriente foi criado como uma simples necessidade de imaginação, pois a relação entre Oriente e Ocidente é, acima de tudo, uma relação de poder, de dominação. “*O oriente não foi orientalizado porque se descobriu como oriental, mas também porque poderia ser transformado em oriental*”⁵⁷. Dessa forma, a interação entre Leste e Oeste se estabeleceria por meio de relações de dominação e poder, que buscariam a hegemonia ocidental sobre a oriental.

A partir dessas questões, percebemos que os recém-criados Estados Nacionais tiveram seus projetos de construção da nação e de identidades fortemente influenciados pelo olhar que se direcionava para as culturas que eram contrastantes a eles. Nesse contexto, o Oriente e o discurso orientalista se fazem presentes, influenciando intelectuais, políticos e até mesmo viajantes a construírem suas reflexões sobre esta parte do mundo, no qual o Egito está inserido. Dessa forma, a História, a Arqueologia e a

⁵⁵ *Ibid.*, p. 51

⁵⁶ *Ibid.*, p. 32.

⁵⁷ *Idem.*

Egiptologia auxiliaram na representação do “outro” e na legitimação de uma suposta superioridade europeia. Por meio de seus discursos, os viajantes europeus levam para o Ocidente suas impressões a respeito do Oriente, muitas vezes ressignificando a cultura que encontravam, sendo ela a egípcia antiga ou moderna. E é nesse contexto que se insere o viajante italiano Giovanni Belzoni, ao narrar o Egito antigo e moderno em seu diário de viagem. Suas impressões e discursos sobre o Egito se tornam pertinentes para as reflexões que serão feitas no capítulo seguinte.

2. GIOVANNI BATTISTA BELZONI E O ANTIQUARISMO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX

When I ascended the Nile, the first and second time, I had no other idea in my mind, but that I was making researches for antiquities, which were to be placed in the British Museum [...].(Giovanni Belzoni)

Neste capítulo, discutirei a presença de viajantes no Egito, apresentando um breve panorama desde a Antiguidade, porém com a intenção de focar nos antiquaristas do século XIX, suas descobertas e coleções de peças egípcias que foram enviadas para a Europa. De acordo com Funari ⁵⁸, os primeiros arqueólogos a contribuírem por uma busca de vestígios de outras sociedades foram viajantes, aventureiros, cuja fama logo se tornaria a de caça-tesouros que buscavam comprovações materiais que legitimassem a grandiosidade de algumas civilizações antigas, o que fazia com que eles escolhessem e, muitas vezes, julgassem a cultura material encontrada, definindo quais artefatos seriam considerados dignos de serem expostos em museus. Com base neste contexto, apresento Giovanni Battista Belzoni, que, por suas descobertas, acaba adquirindo certa fama no meio antiquarista durante o século XIX, reunindo grandes coleções de artefatos egípcios. Em seguida, apresentarei a fonte base para esta pesquisa, o diário de viagens de Belzoni, onde estão contidos os registros de suas descobertas e discursos elaborados ao longo de sua passagem pelo Egito.

2.1 VIAJANTES NO EGITO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XIX

Desde a Antiguidade, o Egito recebe pessoas de todo o mundo que, atraídas pelas paisagens, riquezas e pela monumentalidade de suas construções, tiveram esse local como rota de suas viagens e, por isso, a existência dos mais diversos relatos a respeito de sua cultura, história e seus povos. De acordo com Vercoutter ⁵⁹, os habitantes das regiões

⁵⁸ FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia. Op Cit.*, p. 9 – 10.

⁵⁹ VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido. Op. Cit.*, p. 19.

da Palestina e Síria teriam sido os primeiros visitantes do Egito que deixaram registradas suas impressões por meio de pinturas. Comerciantes e navegantes fenícios e gregos também frequentavam a terra dos faraós, muitas vezes deixando seus nomes registrados nos locais por onde passavam, os quais despertavam sobre estes um notável interesse e fascínio.

Em Saqqara, no complexo de Djoser da III dinastia, e precisamente no pequeno edifício chamado 'Casa do Sul', é possível observar as inscrições deixadas pelos primeiros turistas que, por volta de 1200 a. C., visitaram o lugar – naquela época já com mil e quinhentos anos de idade -, escrevendo seus nomes e o motivo de sua visita [...] Escritos de viajantes fenícios também são visíveis no grande templo de Ramsés II [...] Sucessivamente também os gregos [...] com frequência deixaram marcas de sua passagem sobre muitos monumentos egípcios.⁶⁰

O grego Heródoto de Halicarnasso (484 a.C – 425 a.C), cujos relatos sobre o Egito são peculiares e inovadores, conforme Vercoutter, chega ao Egito por volta de 450 a. C, reunindo diversos testemunhos sobre a civilização egípcia, a qual ele dedicou o segundo livro de sua obra *Histórias*, fazendo observações a respeito da vida cotidiana egípcia, religiões, festas, alimentação, geografia, culto aos animais, faraós, dentre outros aspectos. Nos séculos seguintes, geógrafos como Estrabão, pesquisadores como Diodoro da Sicília e Plutarco de Queroneia e, naturalistas como Plínio, o Velho; escreveram sobre o Egito, sua história e a sua antiga religião legando à posteridade seus relatos. Após a anexação do Egito ao Império Romano, este local se torna uma rota turística também para algumas personagens políticas, como para os imperadores Adriano e Septímio Severo, que gravaram seus nomes nos colossos de Memnon como recordação de suas passagens. Para Vercoutter, a pilhagem de artefatos não é restrita apenas ao século XIX, teria sido iniciada pelos próprios egípcios e continua no tempo dos imperadores romanos e bizantinos, que levam do Egito os mais diversos monumentos, obeliscos, esfinges, estátuas, destinados à ornamentação de suas capitais, Roma e Constantinopla.

Após a queda do Império romano do Oriente, o Egito se torna uma província do Império árabe quase inacessível aos não muçulmanos. Conforme Vercoutter, as únicas exceções eram Cairo e Alexandria, que mantiveram um importante papel como centros comerciais para o Oriente e que eram, também, locais de passagem durante as Cruzadas

⁶⁰ SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores: a descoberta do antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2007., p. 16.

ou as peregrinações à Terra Santa e ao monte Sinai. Os monges, viajantes por ofício na Idade Média, passam pelo Oriente Médio e pelo Egito em sua missão de evangelização do mundo, deixando, também suas narrativas a respeito de seus monumentos. Porém, como destaca Vercoutter, é necessário aguardar até o século XVII para que se inicie o que o autor considera de “a era das grandes viagens” e, também, a redescoberta do Egito iniciada pela expedição francesa de Napoleão Bonaparte no século seguinte.

De acordo com David ⁶¹, o interesse pelo Antigo Egito inspirou, após o período da Renascença, homens ricos a colecionarem antiguidades, fazendo com que estes contratassem antiquaristas para a busca de tais objetos. A partir do século XVII, então, colecionar artefatos egípcios se tornou moda entre os homens europeus ricos, logo nesse período, surgiram diversos colecionadores na Europa, cujo forte desejo de possuir tais antiguidades intensificou a pilhagem no Egito. Conforme David,

in addition to the travelers and scholars who visited the ancient sites and subsequently wrote about them, there was also great enthusiasm among wealthy Europeans to acquire antiquities from Egypt. Some individuals recognized the considerable financial potential in acquiring antiquities and even monuments that could be sold to collectors in Europe. Various great private collections were started in the seventeenth century; for example, the kings of France were avid collectors, and in England, Dr. Hans Sloane had gathered numerous Egyptian antiquities. ⁶²

Porém, é durante o século XVIII que se iniciam as primeiras autênticas explorações geográficas no Egito. De acordo com David, é ao longo desse século que muitas coleções nacionais são formadas, sendo aos poucos destinadas aos museus que vão surgindo. Em 1756, quando o Museu Britânico é formado, diversas coleções particulares de antiguidades passam a ser expostas nele, sendo estas não mais de uso privado, mas público. Além disso, o interesse de se adquirir peças para os museus nacionais também permitiu que diversos agentes oficiais fossem enviados ao Egito, onde estabeleceriam consulados e embaixadas. Com isso, tais homens estendiam suas relações diplomáticas, atuando como agentes locais, para que pudessem adquirir as antiguidades e enviá-las a Europa com mais facilidade. Para David, embora o antiquarismo tenha

⁶¹ DAVID, R. *Handbook to life in Ancient Egypt. Op. Cit.*, p. 2 – 7.

⁶² *Ibid.*, p. 7.

possibilitado a fundação de grandes coleções museológicas, que até hoje constituem um vasto recurso de material para ser estudado, tal atividade teria causado, também, sérias consequências:

ancient artifacts removed from Egypt were often separated from their archaeological context, with the consequent loss of information about their provenance, date, and use. The process of acquiring artifacts, and especially inscribed blocks from monuments, also accelerated the destruction of some of the major sites.⁶³

Para Vercoutter, os cônsules estrangeiros estabelecidos no Egito têm importante papel no comércio das antiguidades, pois para que pudessem escavar e transportar tanto peças como monumentos cobiçados a mão de obra local era essencial, uma vez que não contavam com homens suficientes para realizar tais operações. Dessa forma, como cônsules, seu contato com o vice-rei do Egito se torna mais fácil, principalmente para solicitar autorização para recrutar os operários nativos. Com isso, segundo Vercoutter, “*os cônsules ficam mais bem situados que qualquer outro para obter essa autorização, pois eles têm acesso ao vice-rei sempre que desejam; e ele próprio (vice-rei), muitas vezes, precisa deles, para fazer vir da Europa as máquinas necessárias à indústria nascente*”⁶⁴ no Egito.

Benoît de Maillet, cônsul geral da França no Egito, envia ao rei Luis XIV grande número de antiguidades em meados do século XVIII. De acordo com Vercoutter, por sua posição, Maillet teria sido o precursor dos mais notáveis cônsules do século XIX, os quais ambicionavam a pilhagem das antiguidades do Egito em benefício dos grandes museus europeus. Em 1735 é publicada uma obra a partir das memórias das viagens de Maillet, em que a descrição das antiguidades encontradas durante sua viagem recebe um lugar de destaque.

Conforme Vercoutter, no fim do século XVIII o Egito passa a atrair cada vez mais viajantes europeus e, com isso, mais obras são escritas a respeito desse local. Em 1798, desembarcam em Alexandria os soldados de Napoleão Bonaparte e, com eles, Dominique Vivant Denon, viajante que, com sua obra *Le Voyage dans la Basse et la Haute Égypte pendant les campagnes du Général Bonaparte*, fornece aos Europeus uma

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido. Op. Cit.*, p. 61.

série de informações sobre as antiguidades e paisagens encontradas durante a expedição. Para Vercoutter, a egiptologia nascente deve muito a obra de Denon, pois esta teria sido um marco do renascimento do Egito faraônico. Quando publicada em Paris, no ano de 1802, faz um sucesso estrondoso, sendo reproduzidas 40 edições sucessivas da obra e, ao mesmo tempo, sendo traduzida para o inglês e o alemão. Na obra, encontram-se inúmeros desenhos feitos pelo seu autor:

a Europa, graças a eles, faz uma ideia do número, da riqueza e da beleza dos monumentos que cobrem o Egito. São eles que iniciam o que vem a se chamar egiptomania, que vai atrair, ao mesmo tempo, os estudiosos, como Champollion, e os ladrões, em busca de riqueza.⁶⁵

Em sua volta a Europa, em 1799, Vivant Denon presta contas a Bonaparte e acaba sendo nomeado diretor geral do museu Napoleão, isto é, o Museu do Louvre. A partir de suas descobertas, Bonaparte designa os membros da *Commission des Arts et des Sciences* para acompanhar seu exército durante a expedição ao Egito com a intenção de que estes percorressem o local para desenhar, catalogar e coletar todos os monumentos que conhecessem, a fim de que as antiguidades pudessem ser enviadas à França. Em menos de três anos, com todas as informações obtidas pela comissão, foi possível a publicação da obra *Description de l'Égypte*, em 1828, que teve mais de mil exemplares impressos⁶⁶.

De acordo com David, após a decifração dos hieróglifos por Champollion, houve ainda mais demanda por esses objetos antigos, agora para fins de estudo e tradução. Com isso, surgem diversos projetos de escavação no Egito e a pilhagem de artefatos continua, seja com a finalidade de aumentar as coleções particulares ou com fins mais científicos. Essa descoberta, marcou um grande avanço no estudo do Antigo Egito, bem como o surgimento da arqueologia e da egiptologia enquanto ciências, que se desenvolveram paralelamente ao antiquarismo.

Para Vercoutter, graças às descrições dos viajantes e às representações dos pintores, em especial dos estudiosos da expedição de Bonaparte, o aumento no número de monumentos egípcios inventariados foi notável. Diversas peças de antiguidades, como

⁶⁵ *Ibid.*, p. 49.

⁶⁶ SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores. Op. Cit.*, p. 100.

estátuas, objetos, documentos escritos, fragmentos de arquitetura, papiros ou inscrições em baixo-relevo, foram levados para a Europa e, segundo o autor, “*com efeito, os sábios se debruçaram sobre esses vestígios.*”⁶⁷

Na primeira metade do século XIX, a exploração dos monumentos e artefatos antigos acabou por ser facilitada indiretamente pelo governo de Mahomed Ali que, após tornar-se vice-rei do Egito em 1805 (o qual se encontrava sob domínio turco-otomano) optou por modernizar a região, abrindo as portas para as tecnologias europeias, o que facilitou as relações entre os egípcios e europeus. Com a intenção de criar uma indústria na região, Mahomed Ali contratou diversos técnicos europeus entre 1810 e 1850 e, conforme Vercoutter, são esses estrangeiros, verdadeiros aventureiros, que levarão do Egito grande número de seus monumentos.

Como afirma Vercoutter,

Uma rápida visita aos museus mostra que os cônsules e seus agentes buscavam, de preferência, monumentos mais impressionantes, de grandes dimensões, geralmente de granito: obeliscos, esfinges, cubas de sarcófagos, estátuas colossais. [...] Estes monumentos são de peso enorme, é necessário tirá-los de onde se encontram, muitas vezes túmulos profundamente escavados na rocha, depois levá-los a margem do Nilo. Tudo isso sem qualquer meio mecânico ou sistema de alavancagem. [...] Chegados enfim em Alexandria, é necessário ainda colocá-los a bordo de embarcações a vela de pequena tonelagem – os barcos a vapor só aparecerão depois de 1830.⁶⁸

Para David, neste contexto de transformação tecnológica e econômica, as antiguidades egípcias acabaram sendo utilizadas como uma espécie de moeda de trocas e, por isso, muitos objetos são levados para museus ocidentais pelos “técnicos” europeus, sem preocupações científicas. Nesse sentido, segundo David, destacam-se os empreendimentos de Bernardino Drovetti (1776-1852), Henry Salt (1780-1827) e Giovanni Battista Belzoni (1778-1824).

Bernardino Drovetti, de origem piemontesa e naturalizado francês, chegou à terra dos faraós em 1803 e, sete anos depois, foi nomeado cônsul geral da França no Egito. De acordo com Vercoutter, suas coleções estão expostas atualmente no Museu do Louvre, na França; no Museu de Antiguidades Egípcias em Turim, na Itália; e no Museu de Berlim, na Alemanha.

⁶⁷ VERCOUTTER. J. *Em busca do Egito esquecido*. Op. Cit., p. 88.

⁶⁸ VERCOUTTER. J. *Em busca do Egito esquecido*. Op. Cit., p. 67.

O britânico Henry Salt, foi nomeado cônsul-geral da Inglaterra no Egito em 1816. Assim como Drovetti, Salt estabelece coleções de antiguidades: Sua primeira coleção é vendida ao Museu Britânico em 1818, e algumas peças são oferecidas, também, a colecionadores particulares. A sua segunda coleção é vendida a Carlos X e vai para o Museu do Louvre em 1824. A terceira coleção, com 1.083 objetos, é oferecida ao Museu Britânico em 1827, logo após sua morte. De acordo com David:

Drovetti and Salt were frequently in competition to obtain the finest antiquities for their clients, especially since the Egyptian ruler, Muhammad ‘Ali, was anxious to retain the favor of both France and Britain and granted permission to both men to excavate at the same sites. Their teams worked in an atmosphere of bitter rivalry and were willing to use bribery and violence to obtain the best treasures. Salt employed a particularly successful agent, Belzoni. One of Belzoni’s major successes was to remove the upper part of a massive statue of Ramesses II from Thebes (Luxor) to the British Museum.⁶⁹

Dessa forma, segundo destaca Vercoutter, com a ação de cônsules como Salt e Drovetti, milhares de objetos deixam o Egito. Porém, tais cônsules apenas teriam conseguido reunir coleções com grande número de antiguidades por meio da ajuda de agentes que, em meio àqueles que se aventuravam em busca de sorte no Egito, eram recrutados para escavar e se encarregar de retirar as peças antigas. É nesse contexto que se insere Giovanni Belzoni, cuja trajetória pelo Egito será discutida no próximo item.

2.2 GIOVANNI BATTISTA BELZONI (1778 - 1824): DE *STRONGMAN* CIRCENSE A ANTIQUARISTA

Giovanni Battista Belzoni nasceu na cidade italiana de Pádua, em 5 de Novembro de 1778. De acordo com uma de suas biografias, elaborada por Ivor Noel Hume⁷⁰, Belzoni era um homem bonito, muito alto e com uma força incomparável, aspectos que sempre aparecem nas descrições feitas por seus contemporâneos. Filho de uma família pobre, Belzoni – com 17 anos - a fim de estudar hidráulica, se muda para Roma. Nessa época, contudo, a Europa estava em um período de tumulto político,

⁶⁹ DAVID, R. *Handbook to life in Ancient Egypt. Op. Cit.*, p. 16.

⁷⁰ HUME, Ivor Noel. *Belzoni: the giant archaeologists love to hate*. Virginia. University of Virginia Press. 2011.

principalmente por causa das ações das tropas de Napoleão em diferentes locais do continente, então, quando Roma é invadida pelas tropas francesas, Belzoni entra para a vida eclesiástica. Como afirma Hume:

perhaps fearing that his prodigious size would make him a target for French recruiters, Belzoni enrolled in a Capuchin monastery with the not entirely serious intention of becoming a monk. [...] But true or not, Belzoni obtained anonymity there while Napoleon's troops sacked and rampaged through Rome.⁷¹

No entanto, ainda assim, os estudos de Belzoni, tanto eclesiásticos quanto os de hidráulica, são interrompidos pela invasão francesa na Itália. De acordo com as próprias palavras de Belzoni,

The state and troubles of Italy in 1800, which are too well known to require any comment from me, compelled me to leave it, and from that time I have visited different parts of Europe, and suffered many vicissitudes. The greater part of my younger days I passed in Rome, the former abode of my ancestors, where I was preparing myself to become a monk ; but the sudden entry of the French army into that city altered the course of my education, and being destined to travel, I have been a wanderer ever since.⁷²

Com isso, Belzoni se muda para Paris e depois para a Holanda, locais em que permanece por pouco tempo até sua mudança para a Inglaterra, junto com seu irmão mais novo, em 1803. De acordo com Siliotti⁷³, Belzoni mora por nove anos na Inglaterra e acaba até se naturalizando inglês. Para ganhar a vida, vendia jogos de água de sua própria invenção em feiras e, também, se apresentava com um grupo circense em várias cidades inglesas, inclusive no Sadler's Wells Theatre, em Londres. Aproveitando seu físico, Belzoni atuava nos teatros como *strongman*, fazendo provas de força. Seu número mais conhecido, que, de acordo com Siliotti, lhe rendeu o apelido de “Sansão Patagônio”, era a “pirâmide humana”, em que Belzoni levantava uma dúzia de pessoas de uma só vez. De acordo com uma revista britânica, *The Gentleman's Magazine*, publicada em 1821,

⁷¹ *Ibid.*, p. 6.

⁷² BELZONI, Giovanni. *Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia*. British Museum press. London, John Murray, 1820. Preface., p. viii.

⁷³ SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores*. *Op. Cit.*, p. 164.

Mr. Belzoni was doomed, like some of the noble animals lower nature, to bear upon his colossal frame not fewer, if we mistake not, than 20 or 22 persons. Thus he has been seen at the Cork and Cove theatres lifting up this human weight of individuals strapped around his hips, shoulders and neck, and moving across the stage as stately as the elephant with the Persian warriors.⁷⁴

Na Inglaterra, Belzoni conhece sua futura esposa, Sarah, que o acompanhará em suas viagens e expedições pela Europa e África. Em 1812, Belzoni, junto com sua esposa, decide sair da Inglaterra e inicia suas viagens por diversos locais, como Portugal, Espanha e Malta. Em 1814, quando chega em Malta, Belzoni conhece o capitão Ismail Gibraltar, emissário do vice-rei egípcio Mahomed Ali, que lhe convida para ir ao Egito por acreditar que seus conhecimentos de hidráulica poderiam ser úteis. Segundo Siliotti, naquela época o vice-rei egípcio estava empreendendo uma série de investimentos em questões agrícolas e de irrigação, buscando trazer para o Egito engenheiros e técnicos europeus que pudessem apresentar novas técnicas e conhecimentos.

De acordo com Vercoutter, acompanhado de sua mulher e de um empregado irlandês, no ano seguinte Belzoni vai ao Egito, onde trabalha durante dois anos para montar uma máquina hidráulica que se destinava à irrigação dos campos.⁷⁵ No intuito de enriquecer, Belzoni propunha que sua invenção substituísse a tradicional roda hidráulica e, então, resolve apresentá-la a Mahomed Ali que, imediatamente interessado, pede que a nova invenção seja testada em sua frente. Entretanto, no dia em que a máquina foi testada, um erro de funcionamento foi suficiente para convencer o vice-rei de que sua inovação não serviria. De acordo com Stanley Mayes, não se sabe ao exato se Belzoni tinha conhecimentos em hidráulica que fossem suficientes para que sua máquina funcionasse. Para o autor, quando Belzoni escreve seu diário de viagem, este já gozava de certa fama e, por isso, em suas narrativas, daria tanta ênfase para seus conhecimentos científicos, especialmente em hidráulica.⁷⁶

Com o fracasso de sua invenção, conforme Mayes, Belzoni acaba ficando sem dinheiro para se manter em terras egípcias, fazendo-o pensar em deixar o local. No

⁷⁴ **The Gentleman's Magazine**, London, 1821., *apud.* MAYES, Stanley. *The Great Belzoni: The Circus Strongman Who Discovered Egypt's Ancient Treasures*. Second Edition (International Library of Historical Studies). Tauris Parke Paperbacks, 2006.

⁷⁵ VERCOUTTER. J. *Em busca do Egito esquecido*. *Op. Cit.*, p. 68.

⁷⁶ MAYES. S. *The Great Belzoni: The circus strongman who discovered Egypt's treasures*. Tauris Park Paperbacks. London, 2010, p. 23 e 107-109.

entanto, nessa mesma época Henry Salt, membro do conselho de administração do Museu Britânico, é nomeado cônsul-geral da Inglaterra no Egito e busca, a pedidos do diretor do Museu Britânico, Sir Joseph Bankes, constituir coleções de antiguidades. Ricos colecionadores também encomendam algumas peças a Salt. Em uma carta pública do *Foreign Office* destinada a Salt, é solicitado que ele “antecipe seus rivais franceses na coleta de materiais antigos”.⁷⁷ Para isso, o cônsul britânico passa a contratar agentes que pudessem auxiliá-lo na reunião de artefatos egípcios, o que acaba interessando Belzoni:

It was with considerable pain to my feelings, that I reflected on the idea of leaving a country, which has ever been one of the principal points of research among the learned. The fame of its antiquity excited in me the desire of investigation ; but, under the circumstances I have mentioned, my purse would not afford the expenses of a journey to any great distance.⁷⁸

Com o apoio financeiro do cônsul britânico, Belzoni viajou pelo Egito e regiões próximas entre os anos de 1816 e 1819 colecionando antiguidades e realizando importantes descobertas, as quais foram registradas em seu diário. Segundo Mayes, a primeira grande ação de Belzoni enquanto antiquarista foi a retirada do busto colossal de Ramsés II da cidade de Tebas e seu transporte para o Museu Britânico em Londres. Anteriormente, os franceses já haviam tentado remover o busto do templo em que ele se encontrava, mas, conforme Mayes, era quase impossível mover um bloco de pedra pesando entre 7 e 8 toneladas, transportá-lo por cima da areia fina e depois colocá-lo em cima de um barco. Além de tudo, seria necessária a ajuda da mão de obra local, já que não contavam com homens suficientes para realizar tal trabalho, o que os obrigaria a pedir permissão ao chefe local para a concessão de homens para realizar a tarefa.

Em seu diário, Belzoni fala das dificuldades que teve em lidar com os árabes e com os turcos e, também, da dificuldade de conseguir homens que aceitassem ajudá-lo em sua operação: “*I tried in vain to persuade those Arabs whom I saw unemployed to work; but, though they were desirous of earning money, they dared not do so, without permission either from the Cacheff or the Caimakan.*”⁷⁹ Após muitas tentativas de conseguir homens para o trabalho e ameaçar o chefe local com sua força, Belzoni

⁷⁷ *Idem.*

⁷⁸ BELZONI, G. *Narrative of the operations Op. Cit.*, p. 24.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 43.

consegue autorização para recrutar trabalhadores árabes e, após 17 dias de trabalho intenso, conseguem levar o busto às margens do Nilo, onde foi colocado em um barco e enviado à Europa.

De acordo com Mayes, após Belzoni remover o busto colossal de Ramsés II, o antiquarista passa os três anos seguintes viajando e fazendo outras importantes descobertas: abre e escava o templo de Abu Simbel, descobre tumbas reais no Vale dos Reis, abre a segunda pirâmide de Gizé, encontra a cidade perdida de “Berenice” e constitui grandes coleções de antiguidades egípcias, das quais muitas estão expostas atualmente em museus europeus.

Em 1819, quando Belzoni volta para Londres, decide organizar uma exposição no *Egyptian Hall* de Piccadilly, com a finalidade de apresentar ao público as peças que havia reunido nos quatro anos de atividade no Egito. Conforme Vercoutter, após sua morte, a exposição de Belzoni foi levada para Paris, nos mesmos dias em que Champollion escrevia a *Lettre à M. Dacier*, na qual desvendava o mistério da escrita hieroglífica.⁸⁰

De acordo com Mayes, Belzoni foi homenageado pelo *Regency London* por ser um grande viajante e, enquanto estrangeiro, foi aprovado por sua devoção aos interesses britânicos.⁸¹ Belzoni morreu um ano depois, em 3 de Novembro de 1823, aos 45 anos, em um pequeno povoado nas imediações do rio Benin, na África equatorial, onde havia se dirigido com a idéia de explorar a cidade de Tombuctu. No entanto, Belzoni deixou, com a publicação de seu diário de viagem, em 1820, três anos antes de sua morte, diversos registros de suas operações no Egito, que serão discutidos no próximo item.

2.3 “NARRATIVE OF THE OPERATIONS”: O OLHAR DE BELZONI SOBRE O EGITO E SUA CULTURA MATERIAL

Antes de apresentar a obra de Belzoni, algumas considerações a respeito de seu diário (suas intenções ao ser publicado e a forma como elabora sua narrativa) e dos

⁸⁰ SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores. Op. Cit.*, p. 175.

⁸¹ MAYES. S. *The Great Belzoni. Op. Cit.*, p. 12.

discursos produzidos se tornam necessárias. Em relação ao discurso, é preciso destacar, como afirmou Junqueira, que todo “*o discurso é um produto da cultura*”⁸², ou seja, é elaborado de forma intencional, contendo intentos políticos e ideológicas implícitas, com base no contexto de vida de seu autor. Dessa forma, é possível considerar que há em todos os discursos “*uma ação humana intencional*”⁸³, uma vez que são produzidos com finalidades específicas.

Junqueira destaca que as narrativas são construídas a partir de contextos históricos e sociais vividos por aquele que as produz, sendo, dessa forma, uma representação do olhar daquele que as escreve. Por isso, tais narrativas consistem numa constante “*inter-relação entre discurso, sujeito e ideologia*”⁸⁴, pois os discursos, quando analisados, não podem ser desvinculados de seu contexto de produção. Nesse sentido, a afirmação de Peter Burke de que “*a representação tem o poder de modificar a realidade que parece refletir*”⁸⁵, se torna plausível, uma vez que ao estar representada a partir de um único olhar, determinada realidade não pode ser jamais contada em sua totalidade e, por isso, é preciso ter cuidado ao tomá-la como verdade.

Sendo assim, podemos considerar as narrativas contidas no interior do diário de viagem de Belzoni como discursos impregnados intenções, plausíveis de serem analisados e compreendidos em seu contexto de produção. Para Junqueira⁸⁶, os diários, além de apresentarem diversas questões pessoais, permitem que o leitor enxergue no interior de suas páginas características culturais e sociais que envolviam o autor quando de sua produção, possibilitando, também, o conhecimento de aspectos que não são claramente explícitos em sua escrita.

Com base nessas considerações, podemos afirmar que muitos diários de viagem auxiliam na observação de como políticas imperialistas eram operadas no Oriente durante o século XIX e, além disso, como esses projetos imperialistas eram legitimados pelos discursos elaborados nesse período e, principalmente, como identidades foram construídas a por meio de tais discursos. Por isso, foi feita a escolha de um diário de

⁸² JUNQUEIRA. *Uma viagem ao antigo Egito*. Op. Cit. 251.

⁸³ *Idem*.

⁸⁴ *Idem*.

⁸⁵ BURKE, Peter (Org.). *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 84.

⁸⁶ *Ibid*. Pg. 252.

viagem como principal documento de análise desta pesquisa para analisar. No entanto, é preciso, também, considerar que toda interpretação é parcial, não podendo ser desvinculada do contexto de vida e valores específicos do pesquisador que a produz.

Nessa pesquisa, optamos por analisar o diário de Belzoni a partir dos discursos que seu autor elabora a respeito da cultura material egípcia antiga e do povo egípcio moderno. Em primeiro lugar, é necessário considerar que este diário, diferentemente de um diário pessoal, foi escrito com a intenção de que fosse publicado e, por isso, podemos concluir que havia uma intenção explícita de que este diário chegasse às mãos de diversas pessoas e que as histórias contidas nele fossem lidas e consideradas como reflexo do que realmente ocorreu. No entanto, quem eram os destinatários das narrativas de Belzoni? A que tipo público Belzoni gostaria de direcionar seus discursos? Por que era importante, para o autor do diário, que seus discursos fossem legitimados? Que tipo de imagens do Egito (antigo e moderno), de seus povos e de sua cultura material são levadas à Europa por meio das construções feitas pelo viajante? Por fim, será que estes discursos ajudam de alguma forma a legitimar identidades nacionais? Que identidades seriam estas? São essas as questões que vão permear nossa análise do diário a partir de agora. Começaremos pelo prefácio da obra, em que Belzoni deixa claras as respostas das três primeiras perguntas acima. As últimas perguntas serão respondidas ao longo do capítulo três.

No ano de 1820, na cidade de Londres, é publicado o diário de viagens *Narrative of the Operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia and of a Journey to the Coasts of the Red Sea, in search of the Ancient Berenice and another to the Oasis of Juppiter Ammon*, de Giovanni Belzoni, o qual é composto por 483 páginas divididas em três capítulos: First Journey, Second Journey e Third Journey. Esta é subdividida em “Journey to the Red Sea”, “Account of the taking the obelisk from the Island of Philae to Alexandria”, “Journey to the Oasis of Ammon”. Atualmente o diário de Belzoni encontra-se a venda através da editora do Museu Britânico e, também, está disponível on-line ⁸⁷.

⁸⁷ Link: <http://archive.org/stream/narrativeofopera00belz#page/n9/mode/2up>. Último acesso em 25 de Fevereiro de 2013.

No primeiro capítulo, Belzoni narra sobre a sua chegada ao Egito, suas primeiras dificuldades ao lidar com os povos locais, a apresentação de sua invenção hidráulica ao vice-rei, o seu envolvimento com o antiquarismo e com os cônsules europeus e, por fim, a operação de retirada e o transporte do busto Colossal de Ramsés II para a Inglaterra. No capítulo dois, aparecem descrições a respeito de suas passagens por Tebas e Luxor, suas descobertas de templos e tumbas no Vale dos Reis, encontro de múmias humanas e animais, sua visita às pirâmides de Gizé e a descoberta da entrada de uma delas. No terceiro capítulo Belzoni narra sua volta para Tebas e a preparação para a viagem ao Mar Vermelho, a descoberta da cidade perdida de Berenice, retirada do obelisco da ilha de Philae para Alexandria e, finalmente, a descrição da viagem para o Oásis de Ammon. A obra conta, ainda, com um capítulo extra que foi escrito pela mulher de Belzoni, Sarah, a respeito dos costumes das mulheres do Egito, da Núbia e da Síria: “Mrs. Belzoni's trifling account of the women of Egypt, Nubia, and Syria”. Apesar de este capítulo conter um título intrigante e discutir um tema muito interessante, esta pesquisa não irá analisá-lo, porém, não se descarta a possibilidade de estudá-lo em pesquisas futuras. Para esta monografia, focarei apenas nos dois primeiros capítulos, que narram a estadia de Belzoni no Egito, pois, no momento, esta análise terá como foco principal questões sobre raça e imperialismo, deixando questões de gênero para serem estudadas em outra oportunidade.

Com a finalidade de ilustrar suas descobertas em viagens, Belzoni publica, junto com o diário, um atlas com 44 desenhos em aquarela feitos pelo próprio autor durante suas viagens (*Fortyfour Plates Illustrative of the Researches and Operations of Belzoni in Egypt and Nubia*). No mesmo ano de sua publicação, segundo Siliotti, a obra de Belzoni foi traduzida para diversas línguas, chegando às mãos de diversos pesquisadores, como Howard Carter, o descobridor da tumba de Tutancâmon, que, quase um século após sua publicação, definiu-a como “um dos livros mais fascinantes entre todos os escritos sobre o Egito”.⁸⁸

No prefácio da obra, Belzoni deixa claras quais as razões que o teriam motivado a escrever sobre suas aventuras em terras não européias:

⁸⁸ SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores*. Op. Cit., p. 162.

On my arrival in Europe, I found so many erroneous accounts had been given to the public of my operations and discoveries in Egypt, that it appeared to be my duty to publish a plain statement of facts; and should any one call its correctness in question, I hope they will do it openly, that I may be able to prove the truth of my assertions. ⁸⁹

A preocupação de Belzoni em levar a “verdade” para a Europa se mostra presente ao longo de toda a obra, pois, segundo Mayes, Belzoni e o cônsul-geral da Inglaterra, Henry Salt, teriam se desentendido após algum tempo trabalhando juntos e, por isso, cada um tentava contar uma versão sobre o que acontecera durante esse tempo. Para Mayes, as narrativas de Belzoni a respeito de sua relação com Salt não seriam confiáveis, uma vez que teriam sido escritas após a briga, que, conforme Mayes, teria sido causada por Belzoni, ao achar que Salt estaria tirando sua glória e levando o mérito por suas descobertas. ⁹⁰ Em sua obra, sobre Salt, Belzoni afirma:

It has been erroneously stated, that I was regularly employed by Mr. Salt, the consul-general of his Britannic majesty in Egypt, [...] I positively deny that I was ever engaged by him in any shape whatever, either by words or writing ; as I have proofs of the case being on the contrary. [...] But what has displeased me above all is, that while occupied in my researches, an advantage has been taken, and a notion promulgated, the very reverse of the real matter of fact ; and I am sorry I cannot be silent on the subject, feeling it an indispensable duty to myself, as well as the public, to bring the truth to light. ⁹¹

Conforme Mayes, assim que o diário de Belzoni foi publicado na Europa, Salt teria escrito uma declaração, “A Plain Statement of facts”, mas que não teria sido publicada devido a sua morte inesperada. Nessa carta, Salt afirma que na permissão recebida pelo chefe local, para escavação, aparece claramente que Belzoni era seu empregado. Além disso, Salt declara que Belzoni só conseguiu se manter no Egito apenas porque recebeu dinheiro para muitas das operações que realizou com o apoio do cônsul, embora o paduano tenha negado esse fato. Salt teria pagado as despesas pessoais de Belzoni durante todos os meses de expedição, além do apoio financeiro para que ele pudesse comprar e escavar quantas antiguidades pudesse. No diário de Belzoni, contudo,

⁸⁹ BELZONI, G. . *Narrative of the operations. Op. Cit.*, prefácio, p. ix.

⁹⁰ MAYES, S. *The Great Belzoni. Op. Cit.*, p. 116-117.

⁹¹ BELZONI, G. . *Narrative of the operations. Op. Cit.*, p. 25.

não se encontram outras referências sobre a sua relação com Salt. Conforme Mayes, o desentendimento entre o cônsul e o viajante o teria levado a escrever seu texto em inglês, a fim de que as pessoas do meio em que Salt vivia compreendessem sua posição a respeito dos fatos:

As I made my discoveries alone, I have been anxious to write my book by myself, though in so doing, the reader will consider me, and with great propriety, guilty of temerity ; but the public will perhaps gain in the fidelity of my narrative, what it loses in elegance. I am not an Englishman, but I prefer that my readers should receive from myself, as well as I am able to describe them, an account of my proceedings in Egypt, in Nubia, on the coast, of the Red Sea, and in the Oasis ; rather than run the risk of having my meaning misrepresented by another. If I am intelligible, it is all that I can expect. I shall state nothing but the plain matters of fact, as they occurred to me in these countries, in 1815-16-17-18 and 19. A description of the means I took in making my researches, the difficulties I had to encounter, and how I overcame them, will give a tolerably correct idea of the manners and customs of the people I had to deal with.⁹²

Ao longo do prefácio da obra Belzoni vai se apresentando ao leitor e contando a respeito de seu local de nascimento, sua família, sua mudança para a Inglaterra e seu casamento. Nada é citado a respeito do trabalho dele como *strongman* em teatros e circos ingleses, o que, para Mayes, se deve ao desejo de Belzoni de ser considerado um cientista e, por isso, omite alguns aspectos de sua vida para evidenciar outros, por exemplo, seus conhecimentos em hidráulica. Belzoni conta, também, de suas viagens para Portugal, Espanha e Malta; sobre como conheceu Ismail Gibraltar e sua decisão de ir ao Egito. Em seguida, Belzoni passa a falar brevemente de suas descobertas, preparando o leitor para os capítulos, em que suas viagens são discutidas em mais detalhes.

Até agora, discutimos diversos aspectos sobre a vida e as descobertas de Belzoni, um pouco sobre seus contemporâneos e outros viajantes no Egito. Com base nas discussões feitas acima e no primeiro capítulo, de viés mais teórico, procuro analisar, no próximo capítulo, algumas passagens do diário de Belzoni, focando nas duas primeiras partes de sua obra, referentes à sua passagem pelo Egito, deixando as viagens pela Núbia para outro momento de pesquisa.

⁹² *Ibid.*, prefácio, p. v.

3. REFLEXÕES SOBRE O ANTIGO E MODERNO EGITO: AS VIAGENS DE GIOVANNI BELZONI CONTADAS À EUROPA.

I visited Portugal, Spain, and Malta, from which latter place we embarked for Egypt, where we remained from 1815 to 1819. Here I had the good fortune to be the discoverer of many remains of antiquity of that primitive nation. (Giovanni Belzoni)

Neste capítulo, apresentarei os discursos de Giovanni Belzoni a respeito do antigo e moderno Egito presentes em seu diário de viagem e, a partir da análise deste documento, interpretarei algumas passagens selecionadas para a elaboração desta monografia. Ao analisar o *corpus* documental, procurei refletir sobre algumas questões que se mostraram norteadoras em relação aos objetivos escolhidos para a pesquisa. Em primeiro lugar, como já citado no capítulo anterior, é necessário considerar quais seriam os destinatários do diário escrito por Belzoni, ou seja, é preciso considerar que se o documento não foi escrito como um diário pessoal, e sim como algo destinado à publicação, para quem Belzoni escrevia? A que público Belzoni gostaria de direcionar seus discursos? Além disso, é preciso compreender como esses discursos são elaborados e qual é o tipo de imagens do Egito (antigo e moderno), de seus povos e de sua cultura material são levadas à Europa e, por fim, de que forma esses discursos ajudam a legitimar identidades nacionais europeias quando contrastadas com essas imagens.

A partir disso, três temáticas se mostraram pertinentes e essenciais para esta pesquisa, portanto o capítulo foi dividido em três itens centrais. No primeiro, o foco será a forma como Belzoni constrói a imagem dos povos habitantes do moderno Egito e quais são as suas impressões a respeito desses povos. O segundo item tratará da cultura material egípcia antiga e o deslumbre de Belzoni por elas, o que o motivou a realizar escavações, como também descrever suas descobertas no diário. Por fim, o último é destinado à análise dos escritos de Belzoni em suas viagens, os principais elementos de sua escrita e a sua relação com a construção da identidade nacional britânica.

3.1 GIOVANNI BELZONI E A REPRESENTAÇÃO DO *OUTRO*: UM OLHAR SOBRE OS ORIENTAIS.

Giovanni Belzoni, logo no prefácio de seu diário, deixa claro que a maior dificuldade encontrada ao longo de toda sua jornada por terras egípcias foi lidar com os povos que a habitavam. As reclamações e observações do autor a respeito da cultura e do comportamento dos diferentes povos com que teve contato são recorrentes ao longo de toda a obra dele e proporcionam, para o leitor, a imagem de um local completamente contrastante com a civilização que os europeus estão habituados. Como Belzoni passa muito tempo no Egito e em regiões próximas, ele acaba conhecendo a população local de forma mais profunda que outros europeus, o que, em sua opinião, o diferenciaria de um viajante comum, que acaba não convivendo um tempo suficiente com os orientais a ponto de conhecer “o caráter desses povos”. De acordo com palavras de Belzoni,

I have, however, one more remark to make on myself, which I am afraid the reader will think very vain: it is this, that no traveller had ever such opportunities of studying the customs of the natives as were afforded to me, for none had ever to deal with them in so peculiar a manner. My constant occupation was searching after antiquities, and this led me in the various transactions I had with them, to observe the real character of the Turks, Arabs, Nubians, Bedoweens, and Ababdy tribes. Thus I was very differently circumstanced from a common traveller, who goes merely to make his remarks on the country and its antiquities, instead of having to persuade these ignorant and superstitious people to undertake a hard task, in labours, with which they were previously totally unacquainted.⁹³

Em muitas passagens de seu diário, notamos esse distanciamento que Belzoni faz entre os egípcios e os europeus. Ao chegar ao Egito, Belzoni conta sobre as dificuldades de estar em um local desconhecido sem saber falar a língua local, além de enfrentar problemas como pragas e outras doenças que afetavam os estrangeiros. A praga aparece como uma grande preocupação de Belzoni e de sua esposa: “*no one would have come near us, except the Arabs, who go in case of sickness indiscriminately to every one ; and are thus likely to spread the plague, by giving it to those who had it not.*”⁹⁴ Belzoni fica chocado ao ver que muitas pessoas morriam devido à negligência e falta de cuidados

⁹³ BELZONI, Giovanni. *Narrative of the operations. Op. Cit.* Preface., p. v.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 3.

com os doentes. Muitas vezes, a praga poderia ser usada como uma forma de tirar vantagem daquele que morria com a doença:

Many die the victims of neglect, merely because every disease is taken for the plague others are victims of a different kind, of the atrocious, interested views of their relatives, who, profiting by their death, may take what advantage they please, even by poison, as no investigation takes place in any instance. " He died of the plague," is the general cry, whatever may be the disease ; and as several hundreds perish daily, they are all carried away without distinction. ⁹⁵

É interessante notar que, nas passagens de Belzoni, os orientais sempre aparecem como povos não confiáveis e que estão sempre dispostos a tirar vantagem de alguém. Conforme o autor do diário, antes de viajar para o Egito já teria recebido alguns conselhos sobre o local: “[...] *the caution that had been given us, never to credit what an Arab says*” ⁹⁶, e tal afirmação se repete em muitas partes do diário. Além disso, os orientais aparecem aos olhos do viajante como incivilizados, primitivos e completamente agressivos. Muitas passagens do diário, portanto, são destinadas à descrição dos povos que habitavam o Egito e à forma como tratavam os viajantes estrangeiros. Segundo Belzoni, “*The reader, perhaps, may think my narrative too minute; but I beg to observe, that it is in this way only the true character of these people can be known.*”⁹⁷

Ao viajar de Soubra para o Cairo, Belzoni passa por uma situação que, em sua opinião, “[...] *I shall remember as long as I live, and which showed me plainly the country I was in, and the people I had to deal with*” ⁹⁸. Em uma rua estreita, ao bloquear a passagem de um soldado árabe, Belzoni é ferido pelo oriental que, segundo o autor, não suportou a ideia de ter um europeu bloqueando seu caminho:

For the instant I was the only obstacle that prevented his proceeding on the road; and I could neither retreat nor turn round, to give him room to pass. Seeing it was a Frank who stopped his way, he gave me a violent blow on my stomach. Not being accustomed to put up with such salutations, I returned the compliment with my whip across his naked shoulders. [...] Such a lesson on the subject was not lost upon me; and I took good care, in future, not to give the least opportunity of the kind to

⁹⁵ *Idem.*

⁹⁶ *Ibid.*, p. 6.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 48.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 20

men of that description, who can murder an European with as much indifference as they would kill an insect.⁹⁹

Apesar do choque inicial de Belzoni com a cultura egípcia moderna, aos poucos o viajante vai se acostumando com o local e passa a observar mais suas paisagens, descrevendo-as e construindo em sua narrativa um Egito contemporâneo, que é caracterizado por suas construções antigas e monumentais, suas paisagens exóticas e pelo povo diferente. Nesse sentido, as cidades do Egito contemporâneo são, de certa forma, um contraponto para o Ocidente, a versão oposta do que as cidades europeias e sua civilização representavam. Ao chegar à cidade do Cairo, o viajante se depara com uma paisagem completamente diferente do que está acostumado:

Though our eyes began to be accustomed to the sight of the Arabs in Alexandria, the bustling scene here was still more striking. The majestic appearance of Turkish soldiers in various costumes, without regularity or discipline, Arabs of many tribes, boats, canjeas, camels, horses, and asses, all in motion, presented a striking picture.¹⁰⁰

Conforme na passagem acima, notamos que Belzoni, ao descrever tudo o que encontra na capital do Egito, dá ênfase para aquilo que não está acostumado, com aquilo que contrasta com sua realidade: as ruas tumultuadas, as vestimentas das pessoas, a forma como conversam, o cheiro desagradável do local, a belíssima paisagem ao se olhar para longe do centro, as feiras, as mercadorias que são vendidas, as antiguidades, danças, entre outros aspectos. De acordo com Belzoni, *“the principal streets are always crowded with people [...] and a great number of falling houses and much rubbish are to be seen everywhere”*¹⁰¹. Ao passear pela cidade, ele encontra algumas pessoas dançando: *“Some of the Arabs were dancing to the usual tunes on the tambourines; and, forgetting perhaps the slavish condition in which they are held by the Turks, were happy for a while”*¹⁰². Ele descreve também a comida turca e a forma como essas pessoas comem, sem utilizar a mão esquerda e sem beber durante as refeições: *“The Turkish cookery does not always*

⁹⁹ *Idem.*

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 3.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 7.

¹⁰² *Ibid.*, p. 6.

suit a European palate; but there are a few dishes, that are equally agreeable with our own; particularly mutton roasted on a wooden pole, at a wood fire."¹⁰³

Em outros momentos, Belzoni ressalta a exuberância das paisagens, contrastantes com o tumulto e a sujeira das cidades. Ao descrever a vista das pirâmides a partir da cidade do Cairo, o viajante demonstra estar extasiado com tudo aquilo que encontra: *"The distant view of the smaller pyramids on the south marked the extension of that vast capital; while the solemn, endless spectacle of the desert on the west inspired us with reverence for the all-powerful Creator"*¹⁰⁴.

Quando Belzoni, sua esposa e o rapaz irlandês se instalam na cidade do Cairo, se veem obrigados a ficar quarenta dias sem sair de casa, devido à falta de imunidade às doenças que nunca tiveram contato, o que, para o viajante, foi uma oportunidade de ficar observando os costumes dos árabes de perto. O estranhamento é o primeiro sentimento que Belzoni relata ter em relação a esses povos, seus hábitos e a sua forma de moradia:

During my confinement in this house, I had an opportunity of observing at some distance the manners of the Arabs, who passed under our window. [...] It was a strange sight for us, to observe these people in their tents, living in separate families, while their chief occupation was sitting on the ground, smoking, singing, and saying prayers, which I observed lasted sometimes three or four hours, besides the ceremonial prayers, repeated standing and kneeling. I did not make any minute observations, for, as I have said, my first occupation was with a different view; nor did I expect at that period, that I should ever have anything to do with these people, as a traveller.¹⁰⁵

Após alguns meses morando no Egito, Belzoni acaba tendo cada vez mais contato com os orientais, primeiro devido ao seu projeto hidráulico e, depois, como antiquarista. O viajante afirma ter passado por muitas dificuldades ao se estabilizar no local e se relacionar com seus habitantes, mas tais problemas apenas diminuíram na medida em que foi ficando conhecido pelo povo. Belzoni critica os costumes dos nativos e descreve inúmeras histórias em que acaba se indispondo com estes, principalmente com os chefes locais, que muitas vezes tentavam impossibilitar seu trabalho como antiquarista, chegando a ameaçá-lo com armas ou agressões físicas: *"In a country where*

¹⁰³ *Ibid.*, p. 49.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 7.

¹⁰⁵ *Idem.*

respect is paid only to the strongest, advantage will always be taken of the weak; consequently, if a man carry his policy beyond that point, they mistake him for a coward ; he is despised, and will have the more difficulties to encounter”¹⁰⁶. De acordo com Belzoni, muitos europeus não eram bem-vindos entre os árabes, uma vez que ao trazerem tecnologias europeias, como a máquina hidráulica, acabavam tirando as oportunidades de muitos trabalhadores locais.

I had many provoking difficulties to encounter, before I became acquainted with the people of the place. [...] I was not welcome among them; [...] It may, therefore, easily be imagined that I had to contend with many obstacles, besides the prejudice against all strangers, or innovations in the customs of the natives.¹⁰⁷

Com a construção de sua máquina hidráulica, Belzoni tem a oportunidade de trabalhar em Soubra, onde o vice-rei egípcio - o Bashaw - morava. Com isso, o viajante consegue observar de perto a vida de um dos governantes do local: *“I had an opportunity of observing the domestic life of a man, who from nothing rose to be viceroy of Egypt, and conqueror of the most powerful tribes of Arabia.”*¹⁰⁸ Belzoni demonstra certo entusiasmo ao narrar que tinha total acesso ao harém do vice-rei, onde pôde, muitas vezes, observar as mulheres e suas danças. *“I supposed the ladies were at such times amusing themselves in some way or other. Dancing women are often brought to divert them [...]”*¹⁰⁹

Diversos estilos de dança egípcia e árabe aparecem muitas vezes descritos nas passagens do diário, porém na maioria das vezes são narrados de forma negativa, consideradas indecentes e como uma forma de provocar a desvirtuação dos homens. Em uma parte do diário, Belzoni conta que conseguiu assistir a uma cerimônia de casamento árabe: *“The Arabs of Soubra exhibit as much festivity, when a marriage of consequence takes place, as those of any of the villages in Egypt. Fortunately, one happened while we were there; and [...] we had an opportunity of seeing the whole ceremony.”*¹¹⁰. Em relação às danças que são realizadas no casamento, mostra-se

¹⁰⁶ *Idem*, p. 47.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 12.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 14.

¹⁰⁹ *Idem*.

¹¹⁰ *Ibid.*, p.17.

chocado e perplexo com o que vê, preferindo não detalhar para seus leitores como eram realizadas: “*This particular mode of dancing, I believe, has never been described, and all who see it properly must be excused from giving a faithful picture of it.*”¹¹¹

Em outro momento de sua viagem, ele descreve, agora com mais detalhes, outra dança que conhece na cidade de Meimond. Nessa dança, realizada por algumas tribos beduínas, os homens participavam junto com as mulheres, que realizavam os passos com punhais nas mãos, ao som das palmas e do canto masculino. Nas palavras de Belzoni, essa seria a dança mais decente encontrada por ele em terras egípcias:

This is a sort of Bedoween dance, and is the most decent of all that I ever saw in Egypt ;—but no sooner was it ended, than, in order I suppose to please us, they immediately began another, in the fashion of the country, which fully compensated for the extraordinary modesty of the first.¹¹²

Em relação aos povos beduínos, Belzoni aparenta ter se surpreendido com eles por se mostrarem, de certa forma, mais civilizados do que os outros povos com quem se relacionou ao longo de suas viagens: “*Hearing we were only travellers in search of antiquities, the Bedoweens were quite civil to us, as far as these people can be.*”¹¹³ Ao avaliar o comportamento dos beduínos, Belzoni chega à conclusão de que eles seriam mais independentes e superiores do que os outros árabes no Egito: “*The people of Gournou are superior to any other Arabs in cunning and deceit, and the most independent of any in Egypt. [...]*”¹¹⁴. Porém, algumas páginas depois, Belzoni passa a ressaltar alguns pontos negativos desses povos, principalmente em relação à sua forma de trabalho e subsistência. Segundo o viajante, os beduínos não se adaptaram com a agricultura e com o trabalho braçal nas plantações e, por isso, preferiam muito mais escavar e vender antiguidades para os diversos viajantes que passavam pela região. Para Belzoni, isso seria resultado da ação dos estrangeiros que ficavam impressionados com qualquer pedaço de antiguidade que lhes era oferecida e, conseqüentemente, acabavam pagando muito mais que seu verdadeiro valor:

¹¹¹ *Ibid.*, p. 19.

¹¹² *Ibid.*, p. 143.

¹¹³ *Ibid.*, p. 142.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 155.

They are forced to cultivate a small tract of land, extending from the rocks to the Nile, about a mile in breadth, and two and a half in length ; and even this is in part neglected ; for if left to their own will, they would never take a spade in their hands, except when they go to dig for mummies ; which they find to be a more profitable employment than agriculture. This is the fault of travellers, who are so pleased the moment they are presented with any piece of antiquity, that, without thinking of the injury resulting from the example to their successors, they give a great deal more than the people really expect.¹¹⁵

Porém, ao falar da negociação de tais antiguidades com os beduínos, Belzoni logo muda sua opinião de que estes eram povos superiores aos outros. Assim como comenta os outros árabes, afirma que os beduínos, também, estariam sempre dispostos a tirar vantagens em suas negociações: *“They are apparently very true to each other, and particularly in cheating strangers; but when they can find a good opportunity, they do not scruple to cheat each other also.”*¹¹⁶ Com isso, supõe que o motivo de terem se mostrado mais solícitos com os viajantes do que com outros povos estaria no interesse que tinham em vender suas peças de antiguidades aos estrangeiros.

No diário de viagens, aparece outra questão pertinente em relação à imagem que é construída dos povos no Egito: Belzoni faz uma constante comparação das civilizações europeias e do mundo oriental egípcio, demonstrando sempre, e de diversas maneiras, os benefícios da presença europeia neste local e também sugerindo certa superioridade dos europeus, principalmente em questões de negociação, honestidade e amizade. A influência europeia no Egito é algo considerado positivo pelo viajante, principalmente por questões de desenvolvimento tecnológico e econômico e, por isso, Belzoni mostra certa admiração pelo vice-rei, por ser aberto a essas tecnologias europeias e estar em constante busca por inovações:

The Bashaw seems to be well aware of the benefits that may be derived from his encouraging the arts of Europe in his country, and had already reaped some of the fruits of it. The fabrication of gunpowder, the refining of sugar, the making of fine indigo, and the silk manufacture, are introduced, much to his advantage: he is constantly inquiring after something new, and is delighted with any thing strange to his imagination.¹¹⁷

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 159.

¹¹⁶ *Idem.*

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 15.

Ao narrar sobre suas dificuldades em encontrar homens que pudessem trabalhar na retirada do busto de Memnon – Ramsés II– do templo, o viajante mostra sua decepção ao conversar com o Cacheff, ou chefe local, que se recusa a oferecer seus homens para o trabalho. Com isso, Belzoni reafirma sua perspectiva, na qual os habitantes do Egito lidariam com outras pessoas somente a partir de seus próprios interesses. Porém, o autor afirma que, ainda assim, há algumas exceções entre esses povos, como entre os europeus há também aqueles que se aproveitam de situações e pessoas. Essa comparação feita entre europeus e egípcios mostra que o viajante pre-estabelece características a essas pessoas, considerando que os europeus, em geral, seriam além de mais civilizados, mais honestos do que os egípcios.

On the 24th of July, I went to the Cacheff of Erments to obtain an order to the Caimakan of Gournou and Agalta, to procure for me eighty Arabs, to assist in the removal of the young Memnon. He received me with that invariable politeness which is peculiar to the Turks, even when they do not mean in the slightest degree to comply with your wishes, and which often deceives a traveller, who only en passant takes coffee, smokes his pipe, and goes away. It is not so these people can be known. This requires an opportunity of dealing with them, and in matters in which their interest is concerned. There are exceptions among them, as there are among the Christians of Europe; and I often found myself deceived where I least expected it. The smooth-faced protestations of friendship and partiality for a person, whom they never saw before, is so common among them, that at last it becomes a matter of course ; and no reliance is placed on it, except by those who are unacquainted with the customs of the country.¹¹⁸

Essa questão pode ser notada também em outra passagem do diário, em que Belzoni visita o templo de Edfu e, impressionado com a magnificência do local e das construções, lamenta o estado de conservação do edifício e a quantidade de lixo em volta do local habitado por árabes, que, em sua opinião, pouco se importavam com a beleza e antiguidade do templo.

The next day I made a cursory inspection of the temple in that town. It is much encumbered with rubbish, and only the portico of it is now to be seen ; but the beautiful variety and fine shaped capitals of the columns, as well as the zodiacal figures on the ceiling, announce that it was one of the principal temples of Egypt. The figures and hieroglyphics are somewhat larger than those of Tentyra; and it is a

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 49.

great pity that such beautiful edifices should be inhabited by dirty Arabs and their cattle. ¹¹⁹

Ao pensarmos sobre essas questões e discursos contidos no diário, notamos que os diversos povos com quem Belzoni manteve contato no Egito são classificados e descritos ao Ocidente como povos providos de hábitos imorais, brutos e sem educação, seja pela forma como comem, dançam ou se relacionam; seriam povos que não contariam com muita inteligência e racionalidade, a menos que para tirar vantagem de alguém ou alguma situação. Nesse sentido, os egípcios foram representados não como realmente eram, mas como um viajante europeu, nas condições e contexto de vida de Belzoni, os via. Em contrapartida, os europeus também eram classificados na narrativa de Belzoni, os quais aparecem como representantes da civilização, providos de tecnologia e desenvolvimento e, por isso, o oriente era encarado com certa estranheza, contrastando com os hábitos e costumes ocidentais.

Essas questões nos remetem à discussão de Edward Said ¹²⁰ a respeito do discurso orientalista, em que, ao se contrastar com o Oriente, o Ocidente acaba adquirindo a importância de uma autoridade paternal, capaz de guiar àquele ao caminho da civilização e evolução, uma vez que estava em um estágio avançado de desenvolvimento tecnológico e, também, moral. Nesse sentido, a presença ocidental no Oriente pode ser justificada pelas intervenções feitas no local com propósito evolutivo, que levariam a um desenvolvimento civilizacional. Dessa forma, o Ocidente conhece e sabe o que é bom para o Oriente “mais e melhor do que poderiam possivelmente saber eles próprios” ¹²¹.

Até este momento, compreendemos a forma como os egípcios modernos são classificados e construídos nas passagens do diário, porém, a seguir, analisaremos como os egípcios antigos aparecem nessa narrativa, como sua cultura material é avaliada pelo viajante e, finalmente, como o passado egípcio é representado e contado à Europa por Belzoni.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 56.

¹²⁰ SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Op. Cit.

¹²¹ BELZONI, Giovanni. *Narrative of the operations*. Op. Cit., p. 66.

3.2 PERCEPÇÕES ACERCA DA CULTURA MATERIAL DO ANTIGO EGITO

Se quando Belzoni chega ao Egito, ele mostra estar completamente chocado com a cultura local e costumes de seus habitantes, por outro lado, ao ver a cultura material deixada pelos antigos egípcios, demonstra estar perplexo e maravilhado: “*Wherever the eyes turn, wherever the attention is fixed, everything inspires respect and veneration [...]*”¹²². Não apenas os objetos antigos maravilhavam o viajante, mas também as paisagens exóticas, descritas em detalhes em seu diário, contadas ao mundo ocidental com muita fascinação. Nesse sentido, podemos perceber na narrativa de Belzoni a presença do deslumbre e encanto às maravilhas que encontra no Egito, sejam elas naturais ou construídas pelo homem no passado, que motivam o viajante a dar descrições detalhadas estabelecidas por seu olhar e que vão, aos poucos, delineando e construindo um passado egípcio glorioso repleto de monumentos e tesouros valiosos.

Though my principal object was not antiquities at that time, I could not restrain myself from going to see the wonder of the world, the pyramids. [...] We went there to sleep, that we might ascend the first pyramid early enough in the morning, to see the rising of the sun ; and accordingly we were on the top of it long before the dawn of day. The scene here is majestic and grand, far beyond description : a mist over the plains of Egypt formed a veil, which ascended and vanished gradually as the sun rose and unveiled to the view that beautiful land, once the site of Memphis.¹²³

Com isso, notamos que o olhar de Belzoni seleciona aquilo que é admirável no Egito e, com sua fascinação pelos grandes monumentos, procura naquela antiga sociedade os indícios do apogeu de uma civilização desenvolvida. No caminho para as pirâmides de Gizé, Belzoni faz diversos elogios à cidade e à beleza do deserto até enfim descrevê-las:

We descended to admire at some distance the astonishing pile that stood before us, composed of such an accumulation of enormous blocks of stones, that I was at a loss to conjecture how they could be brought thither ; and presently we entered the pyramid : but I must reserve for some other time the more minute account of this wonderful work. We

¹²² *Ibid.*, p. 35.

¹²³ *Ibid.*, p. 4.

went round the second pyramid, examined several of these mausoleums, and returned to Cairo with the satisfaction of having seen a wonder, which I had long desired, but never supposed I should have the happiness to behold.¹²⁴

É a partir de passeios e visitas como esse que Belzoni acaba tendo o primeiro contato com algumas peças e monumentos antigos. Após conhecer uma das tumbas de Hermopolis, e com base em outros monumentos e peças vistas antes, Belzoni conclui que os egípcios antigos teriam sido um povo glorioso “*From what I have seen of the tombs in these mountains, I am of opinion, that Hermopolis was inhabited by some great people, as nothing can give juster ideas of the condition of the Egyptians than the quality of the tombs in which they were buried.*”¹²⁵. À medida que Belzoni vai se envolvendo com o antiquarismo, passa a comparar a civilização egípcia antiga com os modernos egípcios, sendo sua principal preocupação em compreender como uma civilização tão grandiosa como a antiga, que produziu tantas maravilhas, teria se tornado àquela sociedade que Belzoni tinha diante de seus olhos, totalmente incivilizada, com hábitos imorais e que pouco se preocupava em preservar os resquícios de seu glorioso passado:

On the west side of the Nile, still the traveller finds himself among wonders. The temples of Gournou, Memnonium, and Medinet Aboo, attest the extent of the great city on this side. The unrivalled colossal figures in the plains of Thebes, the number of tombs excavated in the rocks, those in the great valley of the kings, with their paintings, sculptures, mummies, sarcophagi, figures, &c. are all objects worthy of the admiration of the traveller; who will not fail to wonder how a nation, which was once so great as to erect these stupendous edifices, could so far fall into oblivion, that even their language and writing are totally unknown to us.¹²⁶

Em outra passagem, Belzoni compara nitidamente o Egito moderno com o antigo, de forma a classificar este como superior àquela:

On looking at an edifice of such magnitude, workmanship, and antiquity, inhabited by a half savage people, whose huts are stuck against it, not unlike wasps' nests, and to contrast their filthy clothes with these sacred images, that once were so highly venerated, makes

¹²⁴ *Idem.*

¹²⁵ *Ibid.*, p. 30.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 38

one strongly feel the difference between the ancient and modern state of Egypt.

Ao analisarmos a passagem acima podemos pensar numa possível aproximação entre Egito Antigo e a Europa moderna que, mesmo que distantes temporalmente, se aproximam pelo grande nível de desenvolvimento e imponência destas civilizações. Por meio do discurso de Belzoni, quando é feita essa separação entre um presente egípcio considerado negativo e atrasado e um passado glorioso e deslumbrante, é justificada, de certa forma, a “missão civilizadora” que os europeus teriam para com os egípcios modernos. Com isso, a presença europeia no Egito é legitimada, bem como a apropriação e espoliação das peças referentes ao seu passado antigo.

Na narrativa de Belzoni, é possível notar, também, que o viajante atribui valor às peças que encontra ao longo de sua viagem, exaltando as que ele considera mais valiosas, sugerindo que o melhor destino para esses artefatos seja a Inglaterra. Nesse sentido, a invasão britânica no Egito teria a intenção de preservar tais antiguidades e dar a elas um destino, porém apenas as peças consideradas de valor estariam incluídas em tais planos. Como exemplo, pode-se perceber o entusiasmo de Belzoni ao ficar de frente com o Busto Colossal de Ramsés II – peça que foi retirada do Egito por ele e enviada ao Museu Britânico, onde até hoje se encontra: *“As I entered these ruins, my first thought was to examine the colossal bust I had to take away. I found it near the remains of its body and chair, with its face upwards, and apparently smiling on me, at the thought of being taken to England”*¹²⁷.

A relação com a Inglaterra aparece, também, durante muitas passagens do diário, em que Belzoni conta que tinha a intenção de mandar todas as peças para o Museu Britânico e, mesmo tendo vendido algumas coleções para outros museus e colecionadores não ingleses, pouco fala a respeito disso: *I am happy, however, to state, that I succeeded in putting all the articles of my discovery on their way to the British Museum [...]*.¹²⁸ Em outra parte do diário, o viajante deixa claro que tinha interesse em entrar para a Sociedade de Antiquários na Inglaterra e que teria pedido para o cônsul-geral britânico enviar uma

¹²⁷ *Ibid.*, p. 39.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 25.

carta de indicação a essa sociedade, promessa que nunca foi cumprida de acordo com Belzoni, que acaba sentindo seu trabalho desvalorizado pelo cônsul britânico.

Having finished my operations, and whatever was necessary respecting the head, I proposed to the consul, to make another trip into Upper Egypt and Nubia, to open the temple at Ybsambul. Nothing could be more pleasing to me, than to find, that my proposal was accepted ; [...] The only stipulation I made was, that, if I were successful, he should give me an official letter of introduction to the Society of Antiquaries, when I should return to England ; with which he promised to comply. Thinking, however, I might be indulging hopes that would not be realised, he cautioned me against any expectations from that quarter. I told him, I was not rich ; but as I had no other view, than to serve the nation at large, I intended to make certain proposals to the members of that honourable society. ¹²⁹

Em relação ao valor que Belzoni atribui aos objetos, encontramos outras passagens que relatam o interesse do viajante por antiguidades que tivessem ouro ou qualquer outro metal de valor, que chamassem a atenção dos colecionadores estrangeiros por sua magnitude a ponto de fazê-los comprar tais peças por valores altos: "*We returned to Luxor in high glee, from the expectation of having in our possession two of the finest articles of metallic composition, that ever were to be found in Egypt.*" ¹³⁰. Em outros momentos, por outro lado, Belzoni se mostra decepcionado com algumas antiguidades, que acredita serem insignificantes e de pouco valor: "*Among the rubbish in the town are found a few trifling antiquities, but nothing of any consequence.*" ¹³¹ Ao visitar a ilha de Elefantina, ou El – Shal como os árabes chamavam, Belzoni relata em seu diário que o templo de *Knuphis* seria a única antiguidade que valeria a pena ser mencionada naquele local, desconsiderando totalmente qualquer outro objeto ou monumento: "*On my arrival at the island, I went to see the temple, supposed to be dedicated to the serpent Knuphis; and, I may truly say, the only antiquity in it worthy of mention.*" ¹³² Provavelmente, a falta de entusiasmo do viajante com as antiguidades nesta ilha esteja ligada com a falta de objetos que contivessem algum metal ou pedras valiosas. Com isso, percebemos que a admiração de Belzoni pela cultura material egípcia antiga estaria, então, ligada com a quantidade de material valioso que tinham em sua composição e também com o tamanho

¹²⁹ *Ibid.*, p. 137.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 161.

¹³¹ *Ibid.*, p. 31.

¹³² *Ibid.*, p. 62.

e magnitude de suas construções. Nesta passagem, em que o viajante conhece as ruínas de *Ashmounain* e fica maravilhado com a construção, podemos notar que tal antiguidade o leva a pensar de que maneira uma civilização seria grandiosa ao construir tais maravilhas:

Here is the first Egyptian architecture that travellers meet with on the Nile above the pyramids ; and I must say, that it has made a great impression on my mind, though it is only a portico of two rows of columns. The solitary place on which it stands, in the midst of the ruins of Hermopolis, and the majestic appearance of the columns, of a form so uncommon to a European, cannot fail to inspire veneration for the people that erected such edifices. ¹³³

Por fim, outra questão interessante descrita por Belzoni em seu diário é a forma como os antiquaristas – incluído o próprio autor da obra – coletam os artefatos egípcios, sem muitas preocupações científicas ou métodos para a preservação das peças, uma vez que a Arqueologia ainda não se constituía uma ciência. Conforme David, o viajante tem sido muitas vezes comparado, em pesquisas históricas e biográficas, de forma negativa com cientistas e arqueólogos que estiveram no Egito posteriormente. Para David, tal comparação se mostra sem fundamentos, pois quando Belzoni fez suas descobertas no Egito, a Arqueologia começava a surgir na Europa e, portanto, seria anacrônico exigir que Belzoni utilizasse técnicas que estavam começando a ser estudadas. Ainda assim, na opinião de David, Belzoni “*was undeniably an inspired and prolific excavator and played an important role in the development of the field.*” ¹³⁴ Muitas vezes, os antiquaristas destruíam algumas peças ou monumentos em favor de outros, como exemplo cito uma passagem em que, de acordo com as próprias palavras de Belzoni, alguns procedimentos foram necessários para que o busto de Ramsés II fosse retirado do templo em que se encontrava: “*To make room for it to pass, we had to break the bases of two columns of the temple*” ¹³⁵. Outro exemplo interessante é a forma como as múmias encontradas em uma tumba são tratadas pelo italiano, que pouco se preocupa em preservá-las, esmagando e quebrando diversas delas, ou as utilizando como apoio de descanso, como se pode perceber nessa passagem:

¹³³ *Ibid.*, p. 161.

¹³⁴ DAVID, R. *Handbook to life in Ancient Egypt. Op. Cit.*, 16.

¹³⁵ *Ibid.*, p.45.

After the exertion of entering into such a place, through a passage of fifty, a hundred, three hundred, or perhaps six hundred yards, nearly overcome, I sought a resting-place, found one, and contrived to sit ; but when my weight bore on the body of an Egyptian, it crushed it like a band-box. I naturally had recourse to my hands to sustain my weight, but they found no better support ; so that I sunk altogether among the broken mummies, with a crash of bones, rags, and wooden cases, which raised such a dust as kept me motionless for a quarter of an hour, waiting till it subsided again. I could not remove from the place, however, with, out increasing it, and every step I took I crushed a mummy in some part or other ¹³⁶.

Segundo Moacir Elias Santos ¹³⁷, Giovanni Belzoni teria vivido em uma época que o autor chama de “Era dos Antiquaristas”, quando a Arqueologia estava no início de sua trajetória. Tal período era caracterizado pela intensa busca por artefatos antigos sem qualquer preocupação científica e, por isso, os métodos empregados na coleta dos objetos não tinham limites, muita vezes causando danos aos artefatos encontrados. Com estes, os antiquaristas conseguiam vender grandes coleções para os museus europeus e colecionadores privados.

After getting through these passages, some of them two or three hundred yards long, you generally find a more commodious place, perhaps high enough to sit. But what a place of rest ! surrounded by bodies, by heaps of mummies in all directions; which, previous to my being accustomed to the sight, impressed me with horror. ¹³⁸

De acordo com Santos, apesar de serem negligenciadas por Belzoni e outros viajantes, como na descrição acima, as múmias eram as antiguidades que mais atraíam a atenção dos comerciantes, pois poderiam conter em suas tumbas outros artefatos valiosos da época, como papiros, amuletos e joias. Porém, se um colecionador não tivesse como comprar todos os artefatos da tumba, incluindo a múmia, qualquer outra parte avulsa poderia ser vendida, como um papiro – artefato valioso e muito procurado por viajantes– ou até mesmo a cabeça de uma múmia. Nesta passagem, por exemplo, Belzoni deixa claro que um de seus principais objetivos ao visitar as tumbas de Gournou era o de

¹³⁶ *Idem.*, p. 157.

¹³⁷ SANTOS, Moacir E. Das necrópoles egípcias para a Quinta da Boa Vista: um estudo das partes de múmias do Museu Nacional. *Mundo Antigo*, ano 1, jun. 2012.

¹³⁸ BELZONI, Giovanni. *Narrative of the operations. Op. Cit.*, p. 156.

coletar algumas múmias, deixando para trás muitos dos artefatos que compunham a tumba. Com isso, acabava concorrendo com os comerciantes locais de antiguidades:

The purpose of my researches was to rob the Egyptians of their papyri ; of which I found a few hidden in their breasts, under their arms, in the space above the knees, or on the legs, and covered by the numerous folds of cloth, that envelop the mummy. The people of Gournou, who make a trade of antiquities of this sort, are very jealous of strangers, and keep them as secret as possible, deceiving travellers by pretending, that they have arrived at the end of the pits, when they are scarcely at the entrance. I could never prevail on them to conduct me into these places till this my second voyage, when I succeeded in obtaining admission into any cave where mummies were to be seen.¹³⁹

Por fim, outro aspecto interessante na narrativa de Belzoni é o fato de que muitas vezes o viajante inscreveu seu nome em alguns monumentos ou lugares por onde passou, os quais ele considerava interessante, como no interior da pirâmide Quéfren, no vale de Gizé. De acordo com Junqueira, muitos viajantes tinham o hábito de deixar seus nomes grafados em templos, pedras, muros ou pirâmides e tal prática pode ser interpretada como uma relação de posse com o Antigo Egito, em que os monumentos e a história da antiga sociedade egípcia tinham de alguma forma uma ligação com sua civilização. Ao imaginar que tais objetos os pertenciam, no sentido de que seriam mais bem preservados no acervo dos museus europeus, eles poderiam removê-los para as cidades europeias ou simplesmente deixar o nome neles inscrito. Como citado em algumas passagens deste capítulo, Belzoni muitas vezes toma posse de algum objeto em nome da Inglaterra, entretanto tal relação será explicada e discutida de forma mais aprofundada no próximo item.

3.3 O EGITO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRITÂNICA

Com base nas passagens do diário de Belzoni citadas acima, é possível compreender diversas questões a respeito da importância dos viajantes e seus relatos na legitimação identitária nacional europeia durante o século XIX. De acordo com a

¹³⁹ *Ibid.*, p. 158.

historiadora Natália Monseff Junqueira ¹⁴⁰, a construção de identidades europeias modernas teria sido impulsionada pelo desenvolvimento da Arqueologia, já que esta possibilitava apresentar traços da cultura de diversos povos não europeus, por meio da representação europeia do “outro”, ou seja, da interpretação feita pelos europeus dos artefatos encontrados nos locais por onde os viajantes passavam, por exemplo o Egito. Segundo a autora, essa representação, muitas vezes, possibilitava ser uma ferramenta de dominação cultural para as recém-formadas nações, que teria como base o conhecimento e o poder. A partir disso, o Oriente passa a ser capturado pelos relatos dos viajantes, em outras palavras, descrito e classificado pelo olhar ocidental, impregnado de intenções e ideologias. Posteriormente, esses relatos foram estudados e representados por meio dos estudos de Etnologia, Arqueologia, Antropologia e Filologia. É nesse contexto que também se desenvolve a Egíptologia durante o século XIX, estudo específico das sociedades egípcias antigas por meio da cultura material e escrita encontrada pelos arqueólogos e antiquaristas. Assim como a Arqueologia, a Egíptologia auxilia na representação do “outro” e afirmação de superioridade europeia, uma vez que muitos europeus tiveram seu olhar voltado para o Egito.

Nesse sentido, a discussão de Margarita Diaz-Andreu ¹⁴¹, a respeito da consolidação da Arqueologia como uma ciência profissional na Europa se torna imprescindível para a compreensão desse contexto, pois, segundo a pesquisadora, o estudo do passado passa a ganhar um papel relevante na constituição e afirmação das Nações europeias, com o crescimento das políticas imperialistas e com o advento do nacionalismo, que levou diversos estados a financiarem a criação de um corpo profissional de arqueólogos ao longo do século XIX. Nesse contexto, a arqueologia passa a ser ministrada como disciplina nas universidades e diversos museus são criados para expor os objetos antigos coletados em locais que continham um passado digno de ser representado pelas recém-criadas nações. Para Diaz-Andreu, os artefatos expostos nos museus justificavam a crença de que era dever das nações civilizadas de ajudar àquelas mais atrasadas a se desenvolverem e, dessa forma, a colonização também seria justificada.

¹⁴⁰ JUNQUEIRA, N. M. *Uma viagem ao antigo Egito. Op. Cit.*

¹⁴¹ DIAZ-ANDREU, M. *Nacionalismo e Arqueologia: Op Cit.*, p. 3-20.

De acordo Junqueira ¹⁴², o Imperialismo teria facilitado o envio de expedições para o Egito, com a finalidade de coletar peças para a formação de coleções de antiguidades egípcias nos países europeus. Para Junqueira, estudar e compreender o Imperialismo, bem como a sua contribuição para afirmações nacionais modernas por meio da utilização da imagem de sociedades do passado, permite um conhecimento mais crítico e amplo. Possibilita notar que os interesses imperialistas não se restringiam apenas a interesses políticos e econômicos, mas também a aspirações ideológicas e culturais. Com isso, compreendemos que a política imperialista britânica no Egito auxilia na construção de uma noção de inferioridade dos egípcios modernos, e tal discurso a respeito do “outro” teria contribuído de forma significativa para a legitimação de interesses modernos e da busca por afirmações nacionais.

Dessa forma, percebe-se, então, que Belzoni ao narrar e representar o egípcio – tanto antigo quanto moderno – em suas passagens acaba, paralelamente, construindo uma identidade europeia e, mais ainda, uma identidade britânica. Belzoni descreve em sua narrativa dois “Egitos” (o antigo e o moderno), que são contados à Europa com base em ideologias e pensamentos ocidentais. De um lado, estaria o Antigo Egito, um lugar exótico e imponente, atraente pela grandiosidade de seus monumentos e cultura material, provenientes de um passado remoto. Por outro lado, estaria o Egito Moderno habitado por árabes e muçulmanos com costumes imorais e corrompidos; um local ideal de contraponto da cultura europeia, representando um papel de antagonista em relação ao europeu, que buscava sempre afirmar a sua superioridade. Sendo assim, o discurso de Belzoni acaba justificando a invasão europeia e inglesa no Egito, que teria a intenção de levar a civilização a esses povos, preservar seu passado glorioso por meio de sua cultura material e, por fim, ao comparar europeus e egípcios, auxiliar na instituição de uma identidade completamente oposta às características egípcias.

Apesar do deslumbre de Belzoni pela terra dos faraós, por sua antiguidade e por seus esplendores monumentais e arquitetônicos, o viajante acaba o desvalorizando em sua contemporaneidade. O viajante traça uma clara distinção entre “nós”, civilizados ocidentais; e “eles”, bárbaros orientais, reforçando, desta forma, uma identidade europeia e, como se considera britânico, também inglesa. Neste contexto, percebemos que o Egito

¹⁴² *Ibid.*, p. 1-20.

é descrito por Belzoni não como realmente é, mas como foi visto e classificado pelo e para o europeu ou, como diria Edward Said, “*não um oriente como ele é, mas o Oriente como foi orientalizado*”¹⁴³. Além disso, ao descrever e diferenciar o moderno Egito de seu passado glorioso, o viajante acaba por fazer uma aproximação entre Egito Antigo e a Europa moderna em seu discurso, destacando que tais civilizações tinham muito em comum por seu nível de desenvolvimento e grandiosidade. Tal pensamento poderia levar muitos europeus a acreditarem e se sentirem mais donos do passado egípcio do que os próprios egípcios que ali viviam durante o século XIX e, por isso, a pilhagem e espoliação da cultura material aconteceria de forma indistinta.

Com isso, concluímos que as narrativas de Belzoni auxiliam na formação de uma identidade britânica no sentido de que contribuiriam para a disseminação da imagem buscada para a nação que estava se formando: uma nação civilizada e evoluída, diferente da forma primitiva em que era conduzida a vida no Egito.

¹⁴³ SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Op. Cit., p. 155.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, iniciada no ano de 2012 no grupo PET – História, o principal objetivo foi o de refletir a respeito da relação entre o Império Britânico e o Antigo Egito, buscando demonstrar como os europeus, em especial os britânicos, se utilizaram da imagem da civilização egípcia para a construção de uma identidade e memória nacional e quais os interesses que permearam tais aspirações. Considerando esse contexto, tornou-se essencial a compreensão dos discursos que foram produzidos na Europa a respeito do Antigo e Moderno Egito, muitos dos quais tentariam, de alguma forma, justificar a invasão imperialista europeia e, por isso, o diário de viagem de Giovanni Belzoni foi escolhido como *corpus documental* base para esta análise. Ao longo dos capítulos da monografia, apresentei os discursos específicos que Belzoni produz a respeito do que encontra em suas expedições, focando, principalmente na cultura material egípcia antiga e nos povos com quem teve contato durante as viagens. Com isso, analisei como tais discursos estariam ligados com uma busca por afirmações identitárias nacionais europeias e como estas questões teriam impulsionado a gênese dos museus nacionais e, também, de novas ciências, como a egiptologia e a arqueologia.

Nesse sentido, em cada capítulo encontramos aspectos centrais que permitiram chegar às conclusões que aqui serão apresentadas. No primeiro capítulo, discutimos as relações existentes entre passado e presente, com a intenção de refletir sobre as apropriações e construções do passado que foram feitas na modernidade. Com isso, notamos que a História – e posteriormente a Arqueologia e a Egiptologia – acabou por desempenhar um papel de legitimação e afirmação da cultura europeia ocidental sendo, muitas vezes, utilizada como um aparato para a construção e legitimação de identidades nacionais.

As interpretações feitas acerca do Mundo Antigo foram essenciais para a construção de discursos de poder na Europa, nos quais conceitos como o de civilização e de progresso estariam presentes, com o objetivo de justificar a dominação europeia exercida no Oriente. A relação estabelecida entre a sociedade ocidental e o Oriente pode ser percebida nos discursos dos viajantes do século XIX que, assim como Giovanni

Belzoni, deixaram registrados suas impressões a respeito do que encontravam ao longo de suas viagens.

Por isso, no segundo capítulo, discutimos que os viajantes poderiam ser considerados como intermediários entre diversos espaços diferentes, pois com seus discursos levam ao Ocidente aquilo que, até então, era desconhecido. Ao narrar o Egito em seu diário, Belzoni leva à Europa suas impressões a respeito do local, cultura material e povos que são construídos e caracterizados de acordo com suas percepções, sob a perspectiva do olhar ocidental. Belzoni transita entre o Egito antigo e moderno, fazendo diferenciações entre estes espaços e comparações com a Europa. Por isso, consideramos que Belzoni (re)constrói em sua narrativa dois Egitos – um antigo e outro moderno -, distantes em temporalidade e em cultura. Além disso, é importante notar que, por ter sido publicado, este diário tinha claras intenções de que sua narrativa chegasse a um determinado público e que os discursos contidos nele fossem legitimados, apresentados como reflexo e verdade dos acontecimentos que ali são descritos, como o próprio Belzoni explica no prefácio da obra.

No terceiro capítulo, ao analisarmos algumas passagens do diário, percebemos que Belzoni acaba justificando em seu discurso a presença europeia no Egito, em especial a inglesa, o que pode ser percebido de duas maneiras. Em primeiro lugar, pela forma como Belzoni se refere aos povos nativos como povos sem civilização, passando a ideia de uma superioridade dos europeus, em que estes estariam levando a civilização aos árabes, além de resgatar e conservar seu passado egípcio. Suas percepções em relação ao Egito moderno estavam muito próximas daquelas oriundas do discurso orientalista, com a intenção de classificar e descrever o Oriente para o Ocidente. Após o contato dos europeus com os egípcios modernos, o olhar e o discurso do viajante destacam que o Oriente se torna o oposto do europeu; sendo um local que possibilita a comparação da cultura europeia com outras diferentes culturas e a afirmação de sua suposta superioridade. Nesse sentido, o Oriente foi observado por Belzoni como um espelho invertido, um contraponto daquilo que o viajante, como ocidental e europeu, almejava para sua própria representação e identidade.

Em segundo lugar, a presença europeia no Egito é justificada pela maneira como o viajante interpreta a cultura material egípcia antiga que encontra ao longo de sua

viagem, atribuindo valor às peças e exaltando as que considera mais valiosas, sugerindo que o melhor destino para estes artefatos fosse a Inglaterra. Como resultado dessa dominação, ocorre a pilhagem da cultura material e, também, de riquezas das sociedades orientais, como no caso das peças egípcias antigas, que acabavam sendo vistas como propriedade dos invasores europeus, que removiam tais artefatos para as cidades europeias para compor os acervos particulares e dos museus nacionais.

Com isso, esta pesquisa nos permitiu perceber que a conservação da cultura material egípcia antiga contribuiu para que fosse criada uma ideia de herança cultural, que ao mesmo tempo em que aproximava grandes civilizações - europeia moderna e egípcia antiga - pela grandiosidade de seus feitos e cultura, afastava o moderno Egito da civilização ocidental, no sentido de que tal sociedade, no estado de selvageria que se encontrava, dominada por árabes e muçulmanos, não teria condições de conservar, por meio das peças, um passado imponente que, no sentido de civilização e desenvolvimento, tinha muito mais a ver com o Ocidente. Com base nessas considerações, concluímos que os discursos de Belzoni ajudaram a construir uma identidade britânica por meio da disseminação, para a Europa, de uma identidade que era almejada para a nação que estava se formando: em que civilização e progresso marcavam suas principais características, comuns com o Egito Antigo e totalmente opostas e contrastantes com o Egito contemporâneo.

Por fim, vale ressaltar que esta monografia, apesar de ter como objetivo principal a compreensão das relações entre Egito e Inglaterra, apresentou outra problemática pertinente para pesquisa: as disputas entre a França e a Inglaterra, as quais aparecem no diário de Belzoni representadas por meio das rivalidades entre os antiquaristas que buscavam peças para serem enviadas para estes locais. Este tema se apresenta interessante para entender as complexas relações entre imperialismo, usos do passado e modernidade e, por isso, surge a ideia de continuar a pesquisa no mestrado, com foco neste novo tema.

REFERÊNCIAS

Corpus Documental

BELZONI, Giovanni. *Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia*. British Museum press. London, John Murray, 1820.

Bibliografia Consultada

BERNAL, M. “A imagem da Grécia antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia”, in: *Repensando o mundo antigo – Martin Bernal, Luciano Canfora e Laurent Olivier* (Funari, P.P.A. – org). Textos Didáticos n° 49, IFCH/UNICAMP, 2005. 119-128, 1994. Traduzido por Fábio Adriano Hering e revisado por Pedro Paulo A. Funari.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

_____, Peter (Org.). *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

DAVID, R. *Handbook to life in Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 1999., p. 8.

DIAZ-ANDREU, M. *Nacionalismo e Arqueologia: O contexto político da nossa disciplina*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11: 3-20, 2001.

FONTANA, Josep. *Historicismo e Nacionalismo*. In: *A História dos Homens*. Bauru. Edusc, 2004

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, P. P. A.; RAGO, M. *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José. *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____, Pedro Paulo A. “Guerra do Peloponeso”. In: MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 19-45.

GARRAFFONI, R. S.; STOIANI, R. *Escavar o passado, (re)descobrir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade clássica por Napoleão Bonaparte*. Revista de História da

GARRAFFONI, R.S., “Guerras Púnicas”, in: *História das Guerras* (Magnoli, D., org.), Editora Contexto, S.P., 2006, p. 47-75. *Arte e Arqueologia*, Campinas, nº 06, Dez. 2006, p. 69-82.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HINGLEY, R. *O imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*, Annablume/Fapesp, 2010.

HUME, Ivor Noel. *Belzoni: the giant archaeologists love to hate*. Virginia. University of Virginia Press. 2011.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001.

JUNQUEIRA, N. M. *Uma viagem ao antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustave Flaubert*. História. Questões e Debates, v. 48/49, 2008, p. 01-20.

MAYES, S. *The Great Belzoni: The circus strongman who discovered Egypt's treasures*. Tauris Park Paperbacks. London, 2010, p. 23 e 107-109.

OLIVIER, Laurent. As origens da arqueologia francesa, in *Repensando o Mundo Antigo*. Trad. Glaydson José da Silva. Textos didáticos n. 49, IFCH/UNICAMP, 2003.

RAGO, M. *A história repensada com ousadia*. In: JENKINS, K. *Repensando a História*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 11.

_____, L. M. *A "nova" historiografia brasileira*. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, p. 73-97, 1999.

REIS, J. J. "Introdução". *Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Moacir E. *Das Necrópoles Egípcias para a Quinta da Boa Vista: Um Estudo das Partes de Múmias do Museu Nacional*. Revista Mundo Antigo – Ano I – Volume – Junho – 2012.

SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores: a descoberta do antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2007.

VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. Pg. 54.

